

BARÓMETRO DE COESÃO SOCIAL – 2026

DISTRITO DE SANGA

(1ª Ronda)

Luís de Brito, Salvador Forquilha, Wim Neeleman, Bernardino António, Clinarete Munguambe, Euclides Gonçalves, Chahide Filipe, Amanda Matabele, José Brito, Filoca Bila





BARÓMETRO DE COESÃO SOCIAL – 2026

DISTRITO DE SANGA

(1ª Ronda)

Luís de Brito, Salvador Forquilha, Wim Neeleman, Bernardino António,
Clinarete Munguambe, Euclides Gonçalves, Chahide Filipe, Amanda
Matabele, José Brito, Filoca Bila

Relatório de Investigação Nº25
IESE, Junho de 2026

Título: Barómetro de Coesão Social - 2026. Distrito de Sanga (1ª Ronda)

Autores: Luís de Brito, Salvador Forquilha, Wim Neeleman, Bernardino António, Clinarete Munguambe, Euclides Gonçalves, Chahide Filipe, Amanda Matabele, José Brito, Filoca Bila

Copyright © IESE, 2025

Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE)
Rua Macombe Macossa, nº 142, Sommerschield 1
Maputo, Moçambique
Telefone: + 258 21 486043
Email: iese@iese.ac.mz
Website: www.iese.ac.mz
ISBN: 978-989-8464-94-1

É proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação para fins comerciais.

Os autores agradecem ao Conselho de Serviços de Representação do Estado na Província do Niassa e ao Governo do Distrito de Sanga pelo apoio concedido na realização da pesquisa de campo e a todos os cidadãos que aceitaram participar na pesquisa.

Índice

INTRODUÇÃO 11

1. O DISTRITO DE CHIMBUNILA..... 14

2. PERFIL DOS INQUIRIDOS..... 18

3. INCLUSÃO..... 21

4. SEGURANÇA E PROTECÇÃO..... 32

5. CONFIANÇA NOS OUTROS..... 36

6. CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES..... 41

7. REPRESENTAÇÃO 46

8. ENGAJAMENTO CÍVICO..... 52

NOTAS FINAIS..... 60

REFERÊNCIAS..... 63

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Informação sociodemográfica 18

Tabela 2 – Condições de vida actuais (ocupação) 23

Tabela 3 – Condições no futuro (idade) 22

Tabela 4 – Condições no futuro (ocupação) 23

Índice de Gráficos e Figuras

Figura 1 – Mapa de localização do distrito de Sanga.....	14
Gráfico 1 - Nível de formação por sexo	19
Gráfico 2 - Ocupação	20
Gráfico 3 - Condições de vida actuais	23
Gráfico 4 - Condições de vida no passado	24
Gráfico 5 - Condições de vida no futuro	26
Gráfico 6 - Você acha que o Governo discrimina as pessoas com base em.....	28
Gráfico 7 - Você sente que as pessoas têm as mesmas oportunidades para.....	29
Gráfico 8 - Você pensa que existe discriminação dos deslocados no acesso	31
Gráfico 9 - Segurança no bairro.....	32
Gráfico 10 - Aqui existem muitas pessoas vindas de fora?	33
Gráfico 11 - Relações com os migrantes.....	34
Gráfico 12 - Quando você tem um problema, tem alguém a quem recorrer	36
Gráfico 13 - Em que medida se sente integrado na sua comunidade.....	36
Gráfico 14 - Quando você tem um problema, tem alguém	39
Gráfico 15 - Confiança nos outros.....	40
Gráfico 16 - Relacionamento com os outros.....	41
Gráfico 17 - Confiança nos serviços.....	42
Gráfico 18 - Confiança nas lideranças locais.....	45
Gráfico 19 - Confiança na liderança provincial e nacional.....	46
Gráfico 20 - Avaliação do Governo.....	47
Gráfico 20a - Avaliação do Governo (idade)	48
Gráfico 21 - Governação (nacional) de outro partido.....	48
Gráfico 22 - Interesse dos partidos pelas opiniões dos cidadãos.....	50
Gráfico 23 - Interesse dos deputados pelas opiniões dos cidadãos.....	50
Gráfico 24 - Interesse dos membros da Assembleia Provincial em ouvir	51
Gráfico 25 - Secretários defendem os interesses dos cidadãos.....	51
Gráfico 26 - Líderes tradicionais defendem os interesses dos cidadãos.....	52
Gráfico 27 - Consultas a nível local sobre decisões.....	52
Gráfico 28 - Diga se nos últimos anos... ..	53

Gráfico 28a - Diga se nos últimos anos..... 54

Gráfico 29 - No último ano contactou um 54

Gráfico 30 - As autoridades locais envolvem os jovens..... 55

Gráfico 31 - As autoridades locais envolvem as mulheres..... 56

Gráfico 32 - Tem recebido as informações necessárias para formar uma 57

Gráfico 33 - Conhecimento dos problemas da comunidade..... 58

Gráfico 34 - Capacidade de apresentar pontos de vista à comunidade..... 58

Gráfico 35 -Capacidade de apresentar pontos de vista às autoridades..... 59

Gráfico 36 - Importância do protesto para a mudança 59

Gráfico 37 - Participação em organizações sociais..... 60

INTRODUÇÃO

O “Barómetro de Coesão Social” (BCS) é uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE) no âmbito do Programa “COESÃO - Acção da Sociedade Civil para a Coesão Social no Norte de Moçambique”.¹ A pesquisa visa analisar, compreender, monitorar e explicar mudanças nos níveis de coesão social observadas em alguns distritos das províncias de Nampula, Niassa e Cabo Delgado.²

Coesão social é um conceito tributário da tradição sociológica, que remonta a Durkheim e Tönnies. Com efeito, as noções de consciência colectiva e tipos de solidariedade (Durkheim, 1977, 1991), a distinção entre comunidade e sociedade (Tönnies, 1946) ou ainda a noção de comunidade imaginada (Anderson, 2012) representam um contributo fundamental na constituição do debate teórico sobre coesão social. A tradição sociológica sublinha a existência de laços reais ou imaginados que ligam as pessoas à volta de crenças e valores comuns, que funcionam como alicerce da coesão social. Nas últimas duas décadas, o conceito de coesão social passou, cada vez mais, a estar associado a intervenções de agências de desenvolvimento, particularmente, em matéria de prevenção e resolução de conflitos (UNDP, 2016). Apesar disso, o conceito de coesão social não reúne necessariamente consensos. Ele tem sido objecto de múltiplas definições não só na literatura académica como também na prática do desenvolvimento.

Nesta pesquisa, partimos da definição de Chan *et al.*, que considera coesão social como “interacções verticais e horizontais entre membros de uma sociedade, caracterizadas por um conjunto de atitudes e normas que incluem confiança, um sentido de pertença, vontade de participar e ajudar, bem como as suas manifestações comportamentais” (Chan, To & Chan, 2006: 290). De seguida, tomamos em consideração a história social, económica e política de Moçambique e definimos coesão social como

1 O Programa COESÃO (2021 – 2025) é financiado pela Embaixada da Suíça em Maputo e implementado por três organizações nacionais: Fundação Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil (MASC), Centro para Democracia e Direitos Humanos (CDD) e Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE).

2 A pesquisa do Barómetro de Coesão Social iniciou com a primeira ronda em 2022 abrangendo seis distritos: Angoche, Moma, Chimbunila, Cuamba, Chiúre e Montepuez. De acordo com o plano da pesquisa, em 2024, a segunda ronda deveria ter acontecido em todos os seis distritos. Todavia, por causa dos desafios de segurança no terreno, no contexto da violência armada em Cabo Delgado, a segunda ronda abrangeu apenas os distritos de Angoche, Moma, Chimbunila e Cuamba. Ainda em 2024, a pesquisa do Barómetro de Coesão Social obteve um financiamento da Embaixada da Suécia, facto que permitiu alargar a pesquisa para outros distritos: Maúá, Metarica, Sanga, Nipepe, Balama, Pemba, Nacala-a-Porto, Nacala-a-Velha e Meconta.

sendo o grau de confiança no Governo e no seio da sociedade, bem como a vontade de participar colectivamente para uma visão partilhada de paz sustentável e objectivos comuns de desenvolvimento. A partir da nossa definição, duas dimensões são analisadas: a coesão horizontal, que se refere às relações entre cidadãos numa sociedade; e, a coesão vertical, que considera as interacções entre as instituições e cidadãos. Para estas duas dimensões, a pesquisa concentrou-se em seis indicadores, nomeadamente: inclusão, segurança e protecção, confiança nos outros, confiança nas instituições, representação e engajamento cívico.

A pesquisa de campo decorreu de 29 de Maio a 13 de Junho de 2025 e teve a duração de duas semanas. No distrito de Sanga, foi administrado um inquérito a uma amostra representativa da população distrital maior de 18 anos e, para obter uma margem de erro não superior a 4% com um nível de confiança de 95%, foi usado um tamanho de amostra de 648 inquiridos. Dada a inexistência nos distritos de uma lista dos cidadãos maiores de 18 anos, que permitiria definir uma amostra realmente aleatória, recorreu-se a uma alternativa, usando como proxy a distribuição disponível da população adulta por locais de votação para atingir esse objectivo. Com base na distribuição da população eleitoral recenseada por locais de votação (dados disponíveis das últimas eleições presidenciais e legislativas de 2024), definiu-se o número de questionários a realizar nos bairros à volta de cada um desses locais no distrito, na proporção do número de eleitores registados em cada um. A amostra usada nesta pesquisa é estratificada por sexo (homens, mulheres) e por idade (18 a 30 anos, mais de 30 anos). Os inquiridores tiveram a instrução de seleccionar alternadamente elementos dos quatro estratos.

Neste distrito, o inquérito foi administrado em 36 locais de votação de todos os postos administrativos, distribuídos da seguinte forma: 7 em Unango, 17 em Lucimbese, 9 em Macaloge e 3 em Matchedje. Para aprofundar a compreensão de algumas dimensões da coesão social, foram realizados seis grupos focais e 13 entrevistas com informantes-chave e autoridades locais.

Este é o primeiro inquérito sobre coesão social no distrito de Sanga. A nossa interpretação das estatísticas descritivas é cruzada com a informação qualitativa recolhida nas notas dos inquiridores, nas entrevistas individuais e nos grupos focais realizados. Essa informação qualitativa não foi obtida em todos os locais onde os inquéritos foram administrados. Assim, dinâmicas específicas de bairros e povoações onde foram realizadas entrevistas e grupos focais podem ter sido destacadas enquanto aspectos

relevantes enquanto nalgumas áreas onde não houve recolha de dados qualitativos podem ter recebido menos atenção.

Para além da presente introdução e das notas finais, o relatório está organizado em oito secções, começando com uma primeira secção dedicada a uma breve descrição do distrito. A segunda secção é dedicada ao perfil dos inquiridos, onde é apresentada a sua caracterização em termos de sexo, idade, educação, ocupação e religião; a terceira secção, dedicada à inclusão, cobre aspectos referentes à avaliação das condições de vida e à percepção sobre igualdade de tratamento e oportunidades; a quarta secção é dedicada a questões relativas ao sentimento de segurança e protecção e eventuais problemas de violência; a quinta secção trata da confiança no interior do grupo de pertença e a confiança em relação a pessoas oriundas de outros locais e comunidades; a sexta secção é especialmente dedicada à confiança institucional; a sétima secção aborda questões referentes à percepção sobre alguns dos principais mecanismos de representação na perspectiva da governação; a oitava secção avalia o nível de participação e engajamento cívico.

A estrutura etária revela uma população jovem, com predominância na faixa dos 0 aos 19 anos, o que pressiona a necessidade de serviços sociais, sobretudo educação e saúde. A esperança de vida é baixa, afetada por doenças endêmicas como malária, diarreias e HIV/SIDA. A sociedade é maioritariamente da etnia Yao (Ajaua), com sistema matrilinear. O Islão é praticado por cerca de 89% da população. O poder tradicional é exercido pelo “Mwenye” e pelos “N’dunas”, que colaboram com a administração estatal.

A rede de transportes do distrito é dominada pelo transporte rodoviário, com destaque para a estrada nacional EN 537, que liga Unango a Lichinga, com 64 km asfaltados. A rede rodoviária totaliza cerca de 417 km, dos quais 293 km são estradas classificadas e 124 km não classificadas, muitas delas com transitabilidade reduzida durante a época chuvosa.

O acesso à energia elétrica é limitado, sendo que apenas os postos administrativos de Lucímbesse e Unango estão ligados à rede de energia proveniente de Cahora Bassa. Nos demais postos, a iluminação depende de painéis solares. O distrito possui 137 fontes de água, das quais todas estão operacionais, atendendo a 52,4% da população. Muitas comunidades ainda percorram longas distâncias ou utilizam água de rios e pântanos. O saneamento é assegurado principalmente por latrinas melhoradas e fossas sépticas.

A economia de Sanga assenta essencialmente na agricultura de subsistência, complementada por algumas culturas de rendimento, com destaque para milho, feijão manteiga, batata, mandioca, tabaco e girassol. Os postos administrativos de Macaloge e Lucímbesse são os mais produtivos, sendo Macaloge considerado o “celeiro” do distrito. Apesar do potencial, a produção agrícola enfrenta limitações como fraca assistência técnica, infraestruturas rodoviárias precárias, escassez de crédito agrícola e subaproveitamento dos recursos hídricos. O distrito tem também potencial para o ecoturismo, com uma área de cerca de 6.500 km² de floresta de miombo, que abrange as áreas de Matchedje e Macaloge, explorada pela empresa Lipilichi Wilderness. Neste local, explora-se a madeira, carvão vegetal e lenha. A pecuária, a aquicultura e a exploração artesanal de minerais são atividades que podem diversificar a economia local e reduzir a pobreza.

Historicamente, o distrito possui uma rica herança cultural que se manifesta na diversidade das suas tradições, na organização social e na forma como mantém viva a sua identidade colectiva. Para além dos Yao, também estão presentes comunidades Ngoni e grupos falantes de Swahili, estes últimos influenciados pelas interações

históricas com a Tanzânia. A língua Yao é a mais falada no distrito, seguida do Ngoni e do Swahili, enquanto o português tem presença crescente, sobretudo nas zonas urbanas e nas instituições públicas.

O poder tradicional desempenha um papel importante na coesão social e na gestão comunitária. A estrutura tradicional é liderada pelo “Mwenye”, figura de autoridade oficialmente reconhecida, que coordena os “N’dunas”, responsáveis por grupos de famílias e comunidades específicas. Esta estrutura tradicional trabalha em articulação com a administração distrital, assegurando a mediação de conflitos, a mobilização comunitária e a preservação das práticas culturais.

A história de Sanga está profundamente ligada aos movimentos de resistência e à luta pela independência nacional. Durante a luta de libertação, o distrito serviu de base estratégica para as forças de guerrilha devido à sua proximidade com a Tanzânia, que funcionou como retaguarda de apoio. É ainda historicamente importante por ter acolhido o II Congresso da Frelimo, ainda durante a luta de libertação. Essa ligação histórica está presente na memória coletiva e contribui para a valorização do território como espaço de resistência e construção da identidade nacional.

Além disso, a história do distrito foi também marcada pelo estabelecimento, em 1976, de “Campos de Reeducação” e pela “Operação Produção”, em 1983, que transferiu milhares de pessoas consideradas “improdutivas”, sobretudo das cidades do sul e do centro de Moçambique, para trabalharem na agricultura em zonas consideradas produtivas das províncias de Niassa e Cabo Delgado. Em Niassa, a região de Unango foi um dos principais destinos desses reassentamentos forçados. Os chamados “improdutivos”, evacuados dos grandes centros urbanos, principalmente de Maputo, Sofala e Zambézia, eram distribuídos para integração nas machambas estatais, mas também instalados junto das famílias camponesas locais.

O processo de integração dos “improdutivos” nas machambas estatais e junto das famílias camponesas revelou-se profundamente difícil. As condições de acomodação, alimentação e habitação eram precárias, expondo muitas pessoas à fome, ao frio e à doença (Machava, 2024).

Sanga possui um valioso património histórico que reforça a sua importância no contexto da história nacional e local. Entre os locais mais significativos, destacam-se antigas bases da luta pela libertação nacional, que serviram de pontos estratégicos durante a guerra, e sítios históricos relacionados com a presença colonial e com os primeiros movimentos de resistência. Além disso, o distrito conserva tradições orais

e espaços sagrados associados à história dos povos Yao e Ngoni, que continuam a desempenhar um papel importante nas cerimónias comunitárias e nos rituais de passagem. Estes espaços funcionam como depositários da memória colectiva e contribuem para a transmissão de valores e conhecimentos entre as gerações.

2. PERFIL DOS INQUIRIDOS

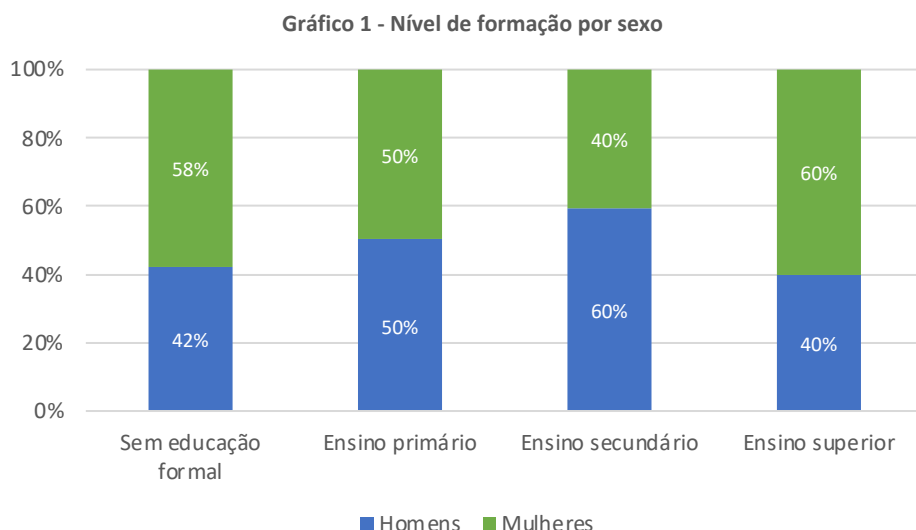
O questionário foi administrado a 648 cidadãos em Sanga, distribuídos por um número idêntico de mulheres e homens (tabela 1), representando os jovens³ também 50% dos inquiridos.

Tabela 1 - Informação sociodemográfica

		Nº	%
Sexo	Homens	324	50,0
	Mulheres	324	50,0
Idade	18 – 24	175	27,0
	25 – 34	233	36,0
	35 – 44	97	15,0
	45 – 54	71	11,0
	55 – 64	39	6,0
	65 +	33	5,1
Zona	Urbana	0	0,0
	Periurbana	104	16,0
	Rural	544	84,0
Religião	Católica	46	7,1
	Muçulmana	578	89,2
	Protestante	17	2,6
	Outra/nenhuma	7	1,1
Educação	Sem educação formal	196	30,2
	Ensino primário	279	43,1
	Ensino secundário	163	25,2
	Ensino superior	10	1,5
Ocupação	Camponeses, agricultores, pescadores	506	78,1
	Trabalhadores informais	58	9,0
	Trabalhadores assalariados	41	6,3
	Domésticas	24	3,7
	Estudantes	18	2,8

3 Neste relatório, são considerados jovens os inquiridos com idade entre 18 e 30 anos. A tabela 1 mostra classes de idade habitualmente usadas pelo Instituto Nacional de Estatística.

O Islão é a religião dominante (89%), ocupando a religião católica o segundo lugar com apenas 7%. No que diz respeito ao nível de formação, perto de um terço dos inquiridos (30%) não têm nenhuma educação formal, perto de metade (43%) têm (frequentaram, ou concluíram) o nível primário, 25% têm o nível secundário e uma pequena minoria, perto de 2%, frequentaram ou concluíram o nível superior. Ao mesmo tempo, os dados mostram que não existe uma grande diferença no nível de escolaridade entre mulheres e homens, embora as mulheres representem a maioria (58%) no grupo sem escolaridade. As mulheres também representam a maioria (60%) no que diz respeito ao nível superior, o que contraria a tendência geral de serem minoritárias neste nível, mas que se explica pelo facto de o número total de indivíduos inquiridos no grupo ser de apenas 10 (gráfico 1).



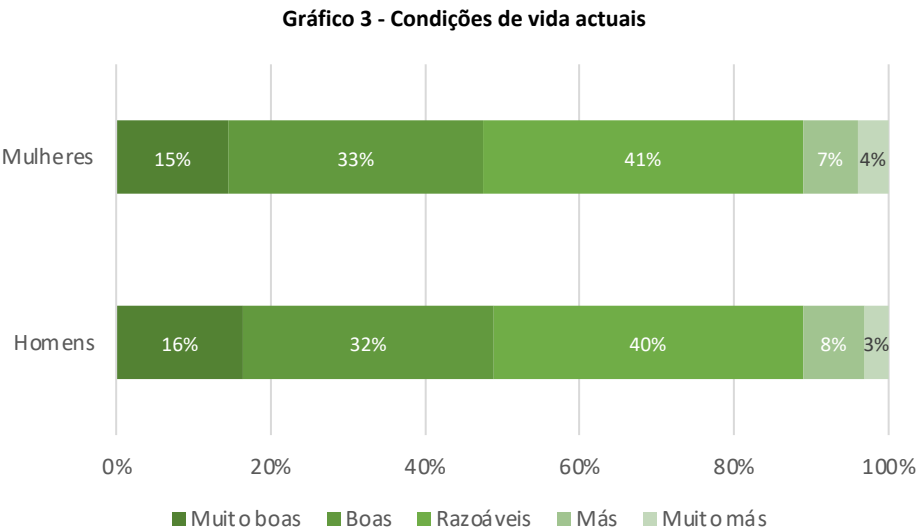
O gráfico 2 mostra que o principal grupo em termos de ocupação pertence ao sector informal da economia, ou seja, é constituído por camponeses, agricultores e pescadores (78%), aos quais se podem acrescentar os trabalhadores informais propriamente ditos (9%). O sector formal ocupa apenas 6% dos inquiridos, sendo de salientar que, destes, mais de metade (4%) são funcionários do Estado. Em termos de emprego, o sector privado é marginal no distrito (1%).

Gráfico 2 - Ocupação



3. INCLUSÃO

O nível de satisfação com as condições de vida actuais e uma perspectiva positiva para o futuro são indicadores do sentimento de inclusão. Neste campo, há 89% dos inquiridos que consideram que as suas condições de vida são razoáveis (41%), boas (33%), ou muito boas (15%) e há 11% que as consideram más, ou muito más (gráfico 3).



A avaliação sobre as condições de vida actuais é basicamente a mesma, independentemente do sexo. Em termos de ocupação, também não se registam diferenças significativas entre os diferentes grupos. (tabela 2).

Tabela 2 – Condições de vida actuais (ocupação)		Muito boas	Boas	Razoáveis	Más	Muito más
Ocupação	Camponeses, agricultores, pescadores	15,8%	34,8%	38,5%	7,5%	3,4%
	Trabalhadores informais	15,5%	27,6%	39,7%	8,6%	8,6%
	Trabalhadores assalariados	12,2%	9,8%	68,3%	9,8%	0,0%
	Domésticas	8,3%	54,2%	37,5%	0,0%	0,0%
	Estudantes	16,7%	16,7%	50,0%	11,1%	5,6%
Total		15,4%	32,7%	40,7%	7,6%	3,5%

Embora os dados quantitativos indiquem um certo nível de satisfação relativamente às condições de vida actuais, é de referir que a avaliação dessas condições está essencialmente ligada aos resultados das últimas colheitas agrícolas. Por ser um distrito essencialmente agrícola, a satisfação dos residentes de Sanga depende em grande medida da produção e comercialização de produtos agrícolas, tais como o milho, o feijão e o amendoim, entre outros. Porém, nos últimos tempos, tem-se desenvolvido a prática do garimpo na área de Macole na zona fronteiriça entre o distrito de Sanga e o distrito de Lago, o que, de certa forma, tem contribuído para o incremento das fontes de rendimento, conforme indicam algumas entrevistas:

A vida melhorou um pouco em relação ao passado. Antes não tínhamos estrada, nem telefone. Agora há sinal e já podemos saber os preços por telefone. Alguns jovens juntaram-se para comprar uma balança e vender juntos. Assim, o comprador não se engana. Eu tenho minha barraca e vendo óleo, sabão e sal. O segredo é guardar um pouco de dinheiro e não gastar tudo. O garimpo dá dinheiro rápido, mas quem não poupa volta a zero. Aqui em Unango, quem trabalha na machamba e vende bem consegue viver melhor que quem só depende do garimpo. O problema é que muitos querem dinheiro fácil. Nos ritos de iniciação, gastamos, mas é pela cultura. O importante é planificar, não gastar tudo de uma vez.⁴

Ainda em relação às condições de vida actuais, um entrevistado do posto administrativo de Chindumbi, justificou a sua avaliação positiva nos seguintes termos:

As coisas estão a mudar devagar. Hoje já temos jovens a organizar-se em grupos para vender produtos agrícolas. Aqui em Macalóge fizemos uma comissão de água com jovens e mulheres. Cada família contribui um pouco e, quando a bomba estraga, arranjam logo. Isso ajuda muito. As mulheres já não ficam tanto tempo na fila. No comércio, também há quem comece a vender produtos hortícolas e a negociar directamente com quem tem carro. O segredo é união. Quando vendemos juntos, o preço sobe. O garimpo não é solução. É risco. A terra ainda pode sustentar, se houver apoio.⁵

Embora os dados da pesquisa qualitativa indiquem que a comercialização agrícola e a actividade de garimpo contribuem para a melhoria das condições de vida dos residentes do distrito de Sanga, os participantes no estudo revelam que a prática

4 Homem jovem entrevistado no posto administrativo de Unango, 10 de Junho de 2025.

5 Líder comunitário interveniente no grupo focal, na localidade de Njesse, posto administrativo de Macalóge, 2 de Junho de 2025.

destas actividades enfrenta diversos constrangimentos. Um dos principais desafios identificados refere-se à definição dos preços dos produtos agrícolas, que, segundo os entrevistados, são frequentemente determinados pelos compradores, conforme salientado na entrevista com o régulo local:

Aqui vivemos da machamba e um pouco do comércio. As mulheres fazem mandioca seca e vão vender na vila. O preço depende de quem vem comprar, porque não temos onde guardar. Quando o comprador vem, ele é quem manda. Diz que vai levar o saco a 800 meticais e se não quiseses, ele vai a outra aldeia. Nós aceitamos, porque não temos transporte. Os jovens estão a deixar a agricultura e a ir para o garimpo. Lá dizem que o dinheiro é rápido, mas também há muito sofrimento. Alguns morrem soterrados, outros ficam doentes. Quando voltam com algum dinheiro, gastam tudo em roupa e festa. Os ritos de iniciação também tiram muito dinheiro. Cada criança precisa de roupa nova, capulana, comida e, às vezes, dinheiro para o mestre. É tradição, mas pesa. A vida está difícil, principalmente para quem só depende da terra.⁶

Adicionalmente, factores como a falta de meios de transporte, as precárias condições das vias de acesso e as mudanças climáticas têm influenciado negativamente a comercialização agrícola, como demonstra o depoimento de um entrevistado em Capinhas:

Nós aqui em Capinhas dependemos da agricultura. A maior parte das pessoas vive da machamba. Cultivamos milho, feijão, mapira e mandioca, mas ultimamente a terra já não dá como antes. As chuvas são poucas e às vezes vêm fora do tempo. O milho seca, o feijão apodrece, e o adubo custa muito caro.⁷

Tal como na localidade de Capinhas, os residentes de Macaloge também se queixam das mesmas dificuldades:

A vida aqui em Macalóge é mesmo dura. Trabalhamos a terra, mas a chuva vem mal. O milho não amadurece bem e o feijão apodrece. O problema é a água e a estrada. A bomba de água avaria e ficamos semanas a buscar água longe. Na agricultura não há incentivo. Cada um trabalha por si. O comprador é quem tem carro e leva tudo a preço baixo. Devia haver armazém ou cooperativa para guar-

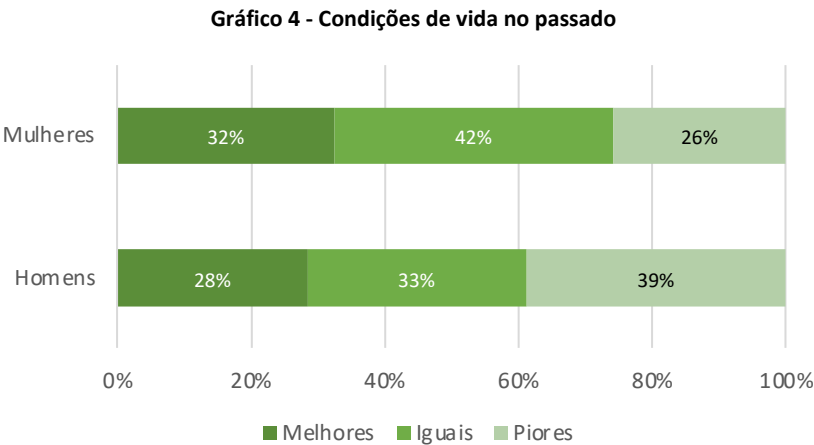
6 Régulo Abasse Sabute entrevistado na localidade de Macaloge Sede, posto administrativo de Macaloge, 6 de Junho 2025.

7 Secretário de Bairro entrevistado na localidade de Macaloge Sede, posto administrativo de Macaloge, 7 de Junho de 2025.

dar. Quando o camião chega, o povo corre. O preço baixa porque todos querem vender. O garimpo virou refúgio dos jovens, mas também perdição. A gente vê alguns a voltar com dinheiro, mas em poucos dias já não têm nada. A vida aqui é de luta todos os dias.⁸

Os depoimentos apresentados mostram que, embora a agricultura continue a ser a actividade principal e fonte de sustento da maior parte dos residentes de Sanga, a sua sustentabilidade está cada vez mais ameaçada por factores climáticos e estruturais. Destacam-se entre esses factores a insuficiência de aprovisionamento de serviços básicos por parte do Estado e a ausência de uma política clara de definição dos preços dos produtos agrícolas. Estas limitações dificultam o escoamento da produção e comprometem a comercialização agrícola. Paralelamente, tais dificuldades, intensificam a vulnerabilidade socioeconómica dos camponeses, que dispõem de recursos limitados para incrementar os níveis de produção e investir em mecanismos de comercialização mais justos e equitativos.

Sobre as condições de vida no passado (gráfico 4), há perto de um terço dos inquiridos (30%) que consideram que eram melhores, para 37% eram iguais e para 32% eram piores. Não se regista uma grande diferença na apreciação de jovens e não jovens, mas existe uma diferença significativa entre homens e mulheres: 39% dos homens consideraram que a sua situação no passado era pior, enquanto apenas 26% das mulheres exprimiram esse sentimento.



8 Chefe da Secretaria entrevistado na localidade de Macalogue Sede, posto administrativo de Macalogue, 6 de Junho de 2025.

A diferença observada na apreciação das condições no passado entre homens e mulheres pode estar associada ao nível de engajamento no trabalho e nas responsabilidades familiares. Segundo as entrevistas realizadas no distrito, o fardo de sustentar a família recai cada vez mais sobre as mulheres. De acordo com o chefe da Secretaria do posto de Macaloge-sede, as mulheres enfrentam grandes dificuldades, pois são elas que percorrem longas distâncias com sacos na cabeça para vender produtos agrícolas, chegando, por vezes, a dormir na estrada devido ao cansaço ou às longas distâncias a percorrer.

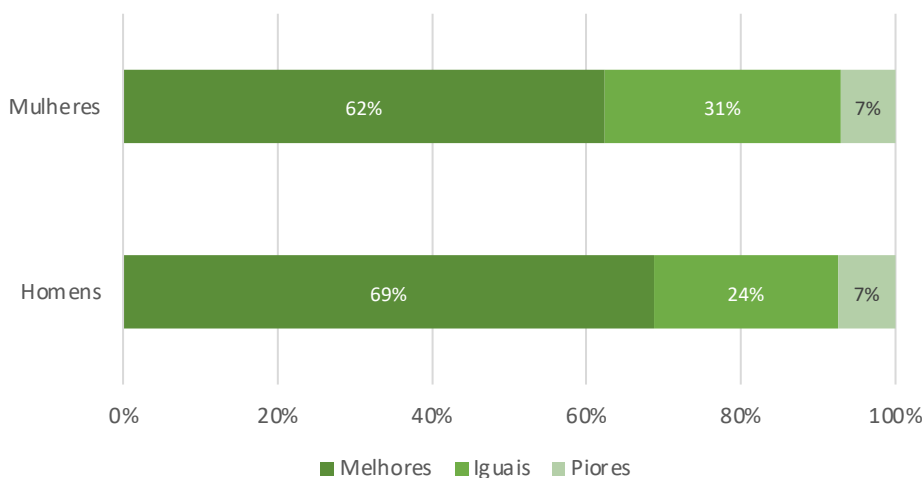
É importante referir que esta constatação, de que as mulheres carregam cada vez mais o fardo do sustento da família, é também expressa pelos homens participantes nas entrevistas e discussões em grupos focais, o que significa existir um reconhecimento quase generalizado, dentro da comunidade, de que o peso da responsabilidade económica e social recai de forma desproporcional sobre as mulheres. O trecho de depoimento de um participante de um grupo focal na localidade de Nova Madeira, descreve essa realidade:

A mulher trabalha muito mais. Cuida da casa, vai à machamba e ainda vende na feira. Os homens às vezes ajudam, mas quem mantém a família é a mulher. O garimpo virou alternativa, muitos jovens vão para lá. Ganham rápido, mas gastam tudo em bebida. Nos ritos de iniciação também se gasta muito. Pedem roupa, comida, capulanas, galinhas e, às vezes, dinheiro para os orientadores. É pesado, mas se não faz, dizem que não respeita a tradição.⁹

Em relação ao futuro, as expectativas são grandes e, embora não haja diferenças significativas, os homens e os jovens tendem a ser ligeiramente mais otimistas que as mulheres e os mais velhos (gráfico 5).

9 Homem adulto interveniente no grupo focal na localidade de Matchedje, posto administrativo de Matchedje, 5 de Junho de 2025.

Gráfico 5 - Condições de vida no futuro



O optimismo relativamente ao futuro, é justificado com base na esperança de incremento da produção agrícola e na adopção de novas técnicas de cultivo, como evidencia o depoimento de um dos intervenientes do grupo focal, realizado na localidade de Lipende:

Eu acredito que o futuro pode melhorar. O tempo mudou, sim, mas nós também podemos mudar. Se os jovens se organizarem, fizerem grupos de produção e aprenderem novas técnicas, a vida pode melhorar. O Governo devia trazer máquinas, sementes boas e ensinar como conservar a água. A juventude tem força, só falta oportunidade. Com fé e trabalho, o futuro pode ser diferente.¹⁰

Observa-se que alguns entrevistados demonstram maior confiança na união de esforços das comunidades locais do que na acção do Estado para a melhoria das suas condições de vida futuras. Esse sentimento revela, em grande medida, desconfiança e falta de esperança quanto ao papel do Governo como provedor de serviços e infraestruturas básicas. O depoimento de um líder comunitário, participante do grupo focal, ilustra essa percepção:

O futuro depende de nós. O Governo não vai resolver tudo. Se o povo se unir, pode

¹⁰ Líder comunitário interveniente no grupo focal na localidade de Njesse, posto administrativo de Macalogue, 2 de Junho de 2025.

mudar muita coisa. Aqui em Macaloge já começámos a fazer isso. Criámos grupos para cuidar da bomba de água e, quando ela estraga, cada família contribui e arranjam logo. Isso evita sofrimento. Se fizermos o mesmo na agricultura, a vida vai melhorar. Eu acredito que o futuro vai ser melhor se houver união e trabalho.¹¹

Para além de destacar a importância da organização comunitária e do trabalho colectivo como estratégia para a melhoria das condições de vida no futuro, alguns entrevistados, como um líder religioso da localidade de Malémia, depositam as suas esperanças também na fé religiosa. Segundo as suas palavras:

A vida no futuro vai depender do comportamento das pessoas. Se houver disciplina, o futuro será bom. As pessoas precisam aprender a guardar o pouco que têm, evitar gastar tudo em festas e ritos caros. Se o dinheiro for bem usado, a pobreza diminui. A religião ensina isso. O futuro pode ser bom se seguirmos o caminho certo e trabalharmos juntos. A fé em Deus é o que mantém o povo de pé.¹²

Na mesma linha do líder religioso da localidade de Malemia, o régulo de Matchedje, relata o seguinte, sobre o seu optimismo em relação ao futuro:

O futuro é de esperança. Deus não abandona o seu povo. Mesmo com seca, doença e pobreza, há sempre um caminho. O importante é não desistir. Os jovens devem respeitar os mais velhos e aprender com eles. A terra ainda pode dar-se for bem cuidada. Se o governo ajudar com adubo e mercado, o povo vai melhorar. A vida só muda com paciência e fé.¹³

Estes depoimentos revelam a importância e a confiança em acções comunitárias conjuntas, no sentido de criar estratégias de resiliência para enfrentar o futuro. Ao mesmo tempo, esses relatos evidenciam uma lacuna na confiança institucional, indicando que o papel do Estado é pouco eficaz na melhoria das condições de vida e no apoio às populações rurais do distrito de Sanga. Essa falta de confiança se reflectirá na fragilidade da coesão social horizontal, como veremos nas páginas seguintes.

Uma segunda dimensão do sentimento de inclusão é o sentimento sobre o eventual nível de discriminação praticada pelas autoridades em relação aos cidadãos. O prin-

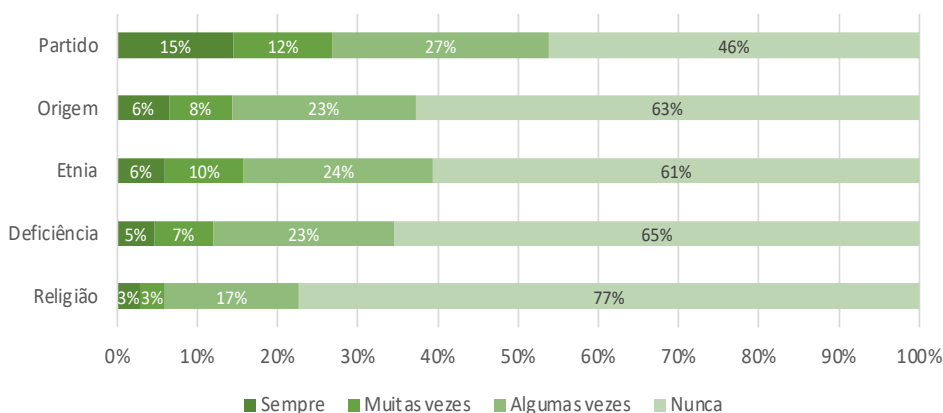
11 *Ibid.*

12 Sheikh Mussa Istambul entrevistado na localidade de Canjamba, posto administrativo de Lucimbe-se, 13 de Junho de 2025.

13 Régulo Samuel Blaimo Ncongá entrevistado na localidade de Matchedje, posto administrativo de Matchedje, 5 de junho de 2025.

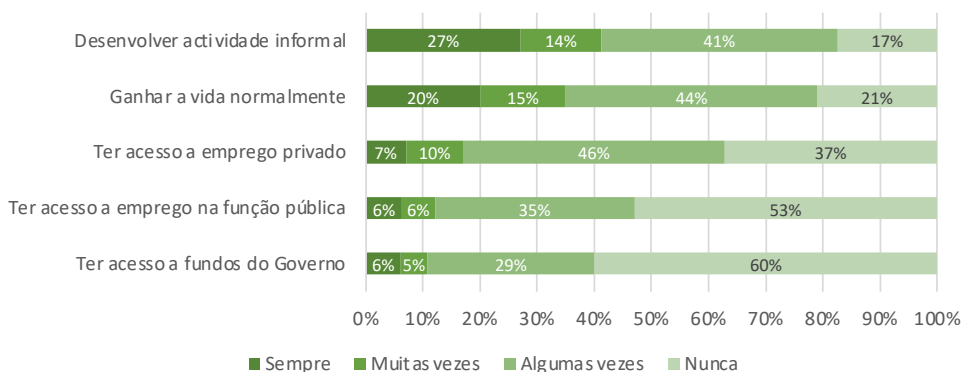
cial factor de discriminação, como se pode ver nos dados apresentados no gráfico 6, é a filiação partidária: 27% dos inquiridos consideram que o Governo discrimina sempre, ou muitas vezes, as pessoas em termos de filiação partidária. O sentimento de discriminação é muito menor quando se trata de religião, deficiência, zona de origem, ou etnia.

Gráfico 6 - Você acha que o Governo discrimina as pessoas com base em ...



O sentimento de que as pessoas não têm as mesmas oportunidades no campo socioeconómico é partilhado por uma parte significativa dos inquiridos. Assim, a percepção sobre a igualdade de oportunidades em diferentes áreas (gráfico 7) mostra que só a possibilidade de desenvolver atividades informais e de ganhar a vida normalmente merece a concordância de mais de um terço dos inquiridos, havendo 41% que consideram que essa igualdade existe sempre ou muitas vezes para desenvolver atividades no setor informal e 35% que consideram que ela existe (sempre ou muitas vezes) no que diz respeito a ganhar a vida normalmente. Em todas as restantes áreas predomina uma visão negativa sobre a existência de igualdade de oportunidades, havendo, nomeadamente, 60% dos inquiridos que consideram que essa igualdade nunca existe no que se refere à possibilidade de ter acesso a fundos do governo e 53% que consideram que nunca há acesso a emprego na função pública. Mesmo o acesso ao emprego no sector privado é visto de forma negativa, pois há 37% dos inquiridos que consideram que essas oportunidades nunca existem para todos.

Gráfico 7 - Você sente que as pessoas têm as mesmas oportunidades para...



Alguns intervenientes nos grupos focais justificam o sentimento negativo em relação às oportunidades de acesso aos fundos do Estado, como resultado de práticas de clientelismo e filiação partidária. O relato a seguir descreve essa percepção:

Não há igualdade aqui. Quem tem família no Governo arranja emprego. Quem não tem, continua na machamba. O Fundo Distrital é só conversa. Já fizemos projeto, preenchemos tudo, e até hoje ninguém chamou. Dizem que o dinheiro acabou. Aqui as pessoas trabalham, mas não têm ferramentas, nem crédito. O garimpo virou refúgio, porque pelo menos dá algum dinheiro. Mas é perigoso. Muitos jovens morrem lá. O Governo devia investir na juventude, mas só fala.¹⁴

O clientelismo que caracteriza o acesso aos fundos do Governo também se reflecte no acesso ao emprego, especialmente para os mais jovens. De acordo com o depoimento de um jovem em Malulu, o acesso ao emprego está fortemente condicionado pelas redes familiares e partidárias.

Aqui não há oportunidade igual. Só trabalha quem tem alguém no Governo. Quando abre vaga, já tem dono. O povo preenche formulário só para fingir. O emprego público é para os filhos dos chefes. O povo da aldeia trabalha na machamba e vende lenha. O privado também não vem aqui. Só há empresas em Lichinga. O jovem estuda, mas depois volta a capinar. A vida aqui é machamba e garimpo. Os fundos do Governo dizem que existem, mas nunca chegam. Já ouvimos falar do

¹⁴ Homem interveniente no grupo focal na localidade de Canjamba, posto administrativo de Lucimbese, 31 de Maio de 2025.

Fundo de Emprego e Juventude, mas ninguém daqui recebeu. Pedem documentos, exigem grupos e depois desaparecem. É desânimo total.¹⁵

Embora a falta de oportunidades afecte a maioria dos residentes do distrito, essa situação é particularmente grave para as mulheres e evidencia a existência de discriminação baseada no género. Segundo as participantes de um grupo focal, da localidade de Nova Madeira, essa desigualdade de oportunidades no acesso aos fundos do Governo e ao emprego entre homens e mulheres manifesta-se da seguinte forma:

As pessoas não têm oportunidade igual. O homem tem mais facilidade que a mulher. As mulheres trabalham mais, mas não têm acesso a crédito. Quando há reunião do Governo, só chamam os homens. Dizem que o projecto é para todos, mas no fim só beneficiam os amigos do chefe. A mulher continua a vender tomate e mandioca na feira. Mesmo quem quer começar negócio, não tem como, porque os fundos do Governo ficam para os que têm ligação política. O povo já não acredita. Trabalhamos com as mãos e com fé, mas sem apoio não há como crescer.¹⁶

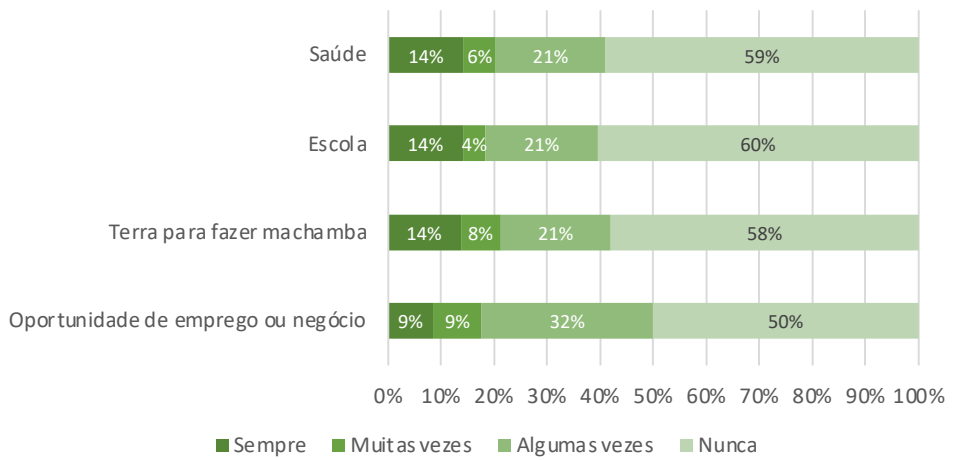
Os depoimentos recolhidos revelam desigualdades significativas no acesso a oportunidades, evidenciando limitações estruturais no acesso a recursos fundamentais. O clientelismo e as práticas de favorecimento de indivíduos ligados ao partido no poder minam a confiança no Governo e reforçam dinâmicas de exclusão. Paralelamente, a discriminação baseada no género agrava a vulnerabilidade das mulheres, impedindo-as de desenvolver plenamente o seu potencial produtivo e de prover adequadamente para as suas famílias, apesar de o fardo de sustento da família no distrito de Sanga recair essencialmente sobre elas.

No que se refere à discriminação em relação aos deslocados, o gráfico 8 mostra que esse sentimento é relativamente fraco. Apenas entre 18% e 21% dos inquiridos dizem haver sempre, ou muitas vezes discriminação em relação às pessoas deslocadas.

15 Jovem interveniente no grupo focal na localidade de Matchedje, posto administrativo de Matchedje, 9 de Junho de 2025.

16 Mulher interveniente no grupo focal na localidade de Matchedje, posto administrativo de Matchedje, 5 de Junho de 2025.

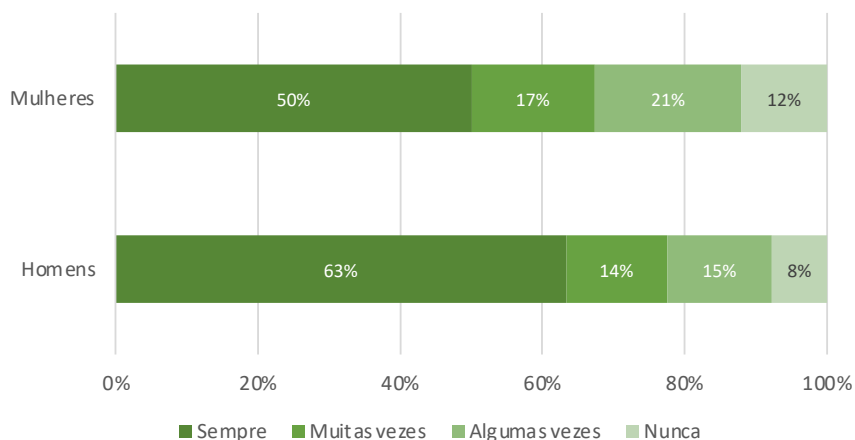
Gráfico 8 - Você pensa que existe discriminação dos deslocados no acesso a ...



4. SEGURANÇA E PROTECÇÃO

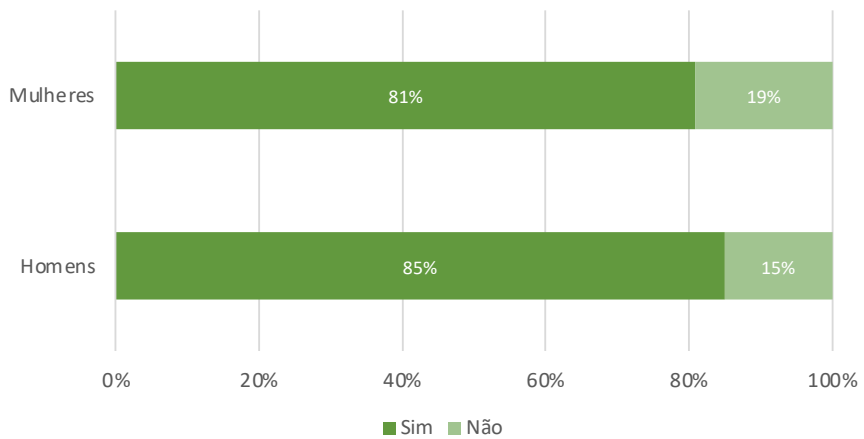
A maioria dos inquiridos (72%) tem um sentimento de segurança elevado (sempre e muitas vezes) no seu local de residência e apenas 10% nunca se sentem em segurança, como se pode ver no gráfico 9. Sobre este assunto, existe uma nítida diferença em termos de sexo, sendo os homens que se sentem mais seguros. Em termos de idade, não se regista uma diferença significativa entre jovens e não jovens.

Gráfico 9 - Segurança no bairro



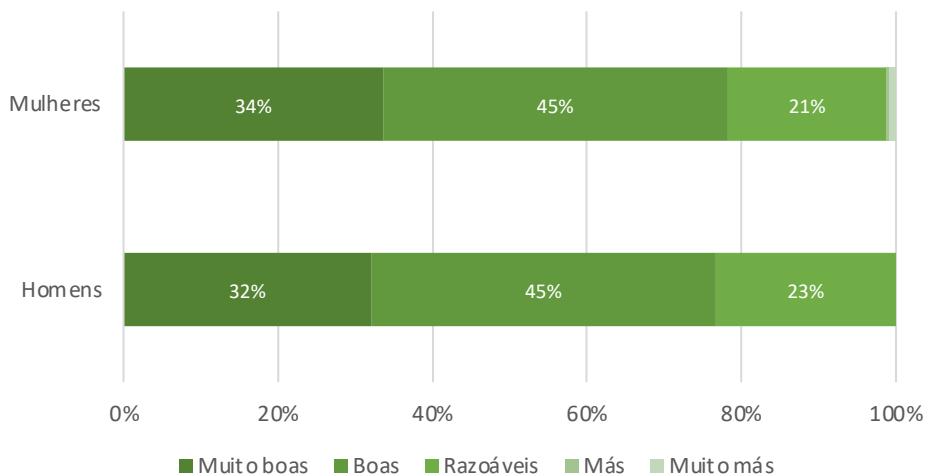
No que diz respeito à apreciação sobre a existência de muitas pessoas originárias de outras zonas, não existe praticamente diferença de apreciação em termos de sexo, ou idade, havendo 83% dos inquiridos que consideram que há muitas pessoas oriundas de fora (gráfico 10).

Gráfico 10 - Aqui existem muitas pessoas vindas de fora?



Para 92% dos inquiridos que responderam que havia muitas pessoas vindas de fora, o principal motivo apontado para a sua presença é de ordem económica. Por outro lado, a convivência com os migrantes não parece ser difícil, pois para 77% dos inquiridos as relações com eles são muito boas, ou boas, e apenas para menos de 1% as relações seriam más ou muito más (gráfico 11).

Gráfico 11 - Relações com os migrantes



A pesquisa qualitativa confirma a coexistência pacífica entre os residentes locais e os migrantes. Segundo os participantes do estudo, a presença de pessoas vindas de outras regiões do país e de países vizinhos, especialmente da Tanzânia, contribui para a dinamização da economia do distrito.

Aqui em Sanga convivemos bem com quem vem de fora. Muitos vieram para trabalhar na agricultura e vivem em paz connosco. Trazem novas ideias e ajudam a ensinar técnicas diferentes. Há quem se case com mulheres daqui e já seja parte da comunidade. O importante é respeitar as nossas normas. Quem respeita, é respeitado.¹⁷

Outros ressaltam o papel desses migrantes na revitalização do comércio de produtos agrícolas:

Os que vêm de fora também são nossos irmãos. Vieram procurar vida, como nós. Trabalham, vendem e ajudam o comércio. Se não fossem eles, muitos produtos não sairiam do distrito. Compram milho, feijão, batata e levam para outras províncias. Isso é bom para o povo, porque dá dinheiro. O problema não é ser de fora, é ter mau comportamento.¹⁸

De forma complementar, outro entrevistado destacou o impacto positivo na revitalização de outras formas de comércio, ligadas essencialmente a produtos de primeira necessidade como o sabão e o açúcar:

Os migrantes trouxeram movimento para o distrito. Trouxeram mercados, lojas e mais gente. O comércio cresceu. Antes, tínhamos de ir longe comprar sabão e açúcar. Agora, tudo está perto. Isso é desenvolvimento. O povo precisa entender que a presença deles também ajuda. Devemos aprender uns com os outros.¹⁹

Apesar de grande parte dos participantes no estudo demonstrar um nível de integração dos migrantes na comunidade, o que indica a existência de uma relação pacífica entre eles, alguns entrevistados expressaram descontentamento com a presença crescente destes, revelando sinais de intolerância e tensão social. O relato a seguir ilustra essa retórica de tensão:

17 Régulo Samuel Blaimo Ncongá entrevistado na localidade de Matchedje, posto administrativo de Matchedje, 5 de junho de 2025.

18 Jovem comerciante entrevistado no posto administrativo de Unango, 10 de Junho de 2025.

19 Chefe da Secretaria entrevistado na localidade de Macaloge Sede, posto administrativo de Macaloge, 6 de junho de 2025.

Há pessoas que vieram de fora e não respeitam os costumes daqui. Quando chegam, querem mandar. Dizem que sabem mais. Alguns não participam nas actividades comunitárias, nem ajudam quando há limpeza, ou luto. Só pensam no negócio deles. O povo daqui sente que os forasteiros vêm apenas para ganhar dinheiro e depois vão embora. Isso cria raiva, porque usam os nossos recursos e não deixam nada.²⁰

Esse sentimento de insatisfação parece estar particularmente relacionado com o controlo exercido pelos migrantes sobre as redes de comércio local e o acesso à terra para a produção agrícola, como demonstra o seguinte trecho de uma entrevista:

Os migrantes entram no comércio e controlam os preços. Compram os produtos dos nossos camponeses a preços baixos e revendem a preços altos. O povo daqui trabalha muito na machamba, mas quem lucra são eles. Isso traz descontentamento. O Governo deveria proteger mais os locais, porque os de fora é que mandam no mercado. Os migrantes vêm e compram terras. Dizem que é negócio, mas o povo pobre perde espaço. Alguns vêm com dinheiro e compram tudo, e quem é daqui fica sem lugar para plantar. Depois dizem que são nossos irmãos, mas não vivem como nós. Só lembram do povo quando precisam de ajuda.²¹

Estes depoimentos demonstram que a presença de migrantes em Sanga tem um impacto ambíguo. Por um lado, parece haver coexistência, cooperação e integração das pessoas vindas de fora com os residentes locais, por outro lado, o facto de eles controlarem as redes de comércio e de produção no distrito provoca um sentimento de descontentamento entre alguns residentes, facto que prenuncia um potencial de conflito social.

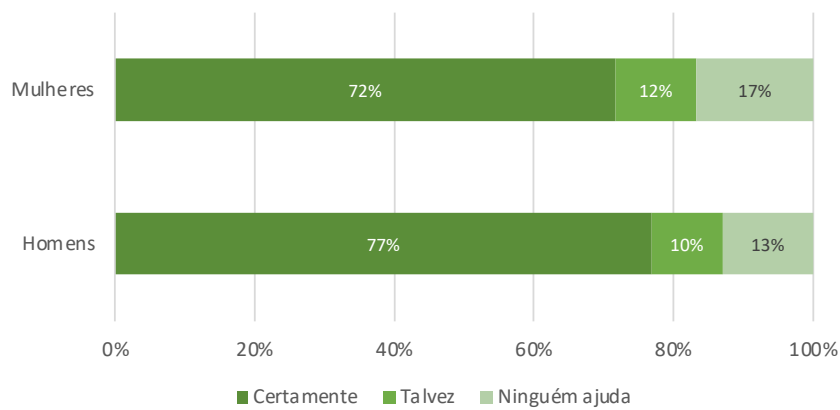
20 Homem interveniente no grupo focal na localidade de Canjamba, posto administrativo de Lucimbese, 31 de Maio de 2025.

21 Jovem interveniente no grupo focal na localidade de Matchedje, posto administrativo de Matchedje, 9 de Junho de 2025.

5. CONFIANÇA NOS OUTROS

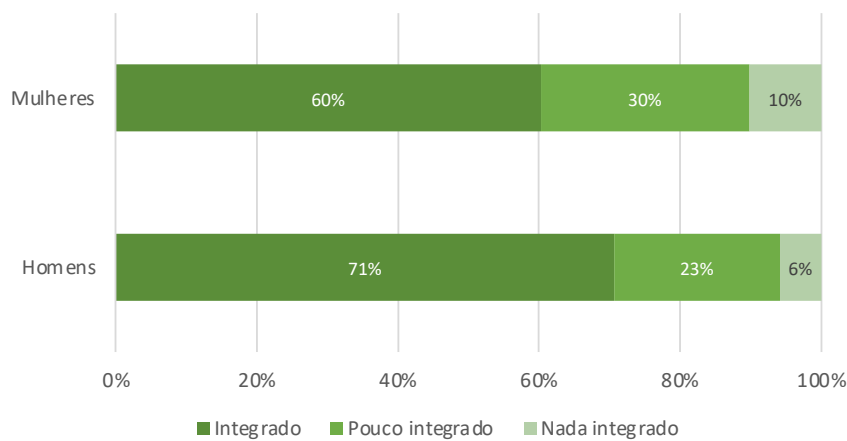
Embora a grande maioria dos inquiridos (74%) tenha a certeza de receber ajuda em caso de problema, é de realçar que 15% afirmam que ninguém ajuda (gráfico 12).

Gráfico 12 - Quando você tem um problema, tem alguém a quem recorrer para pedir ajuda?



Ao mesmo tempo, o sentimento de integração não é muito forte, pois há um pouco mais de um terço dos inquiridos que se consideram pouco (27%) ou nada (8%) integrados na comunidade em que vivem (gráfico 13).

Gráfico 13 - Em que medida se sente integrado na sua comunidade?



A questão da ambiguidade relativamente à presença de pessoas provenientes de outras regiões, explorada na secção anterior, reflecte-se no sentimento de pouca integração manifestado por um terço da população. Como já referido no início deste relatório, o distrito de Sanga é caracterizado pela presença significativa de indivíduos provenientes de outras partes do país e de países estrangeiros. Essa diversidade populacional está relacionada com as dinâmicas históricas específicas que marcaram a formação socioeconómica do distrito. Entre estes processos históricos de presença de indivíduos provenientes de outras regiões, destaca-se a criação dos “campos de reeducação” e a “operação de produção” no período pós-independência. O objectivo central destas políticas era a moralização de indivíduos considerados socialmente desviados, incluindo os chamados vagabundos, prostitutas, alcoolatras, criminosos e até opositores políticos do regime socialista. O partido-Estado acreditava que o trabalho colectivo e a convivência deste grupo com a população camponesa das zonas rurais seriam instrumentos capazes de regenerar esses indivíduos e de os reintegrar na sociedade (Machava, 2024).

Esse projeto revolucionário e moral fracassou, em grande medida, devido à ausência de condições estruturais que permitissem a sua implementação eficaz. O processo de integração dos “reeducandos” nas comunidades locais, mesmo após o fim formal dessas campanhas moralizadoras, foi marcado por fricções, desconfiança e tensões sociais. As comunidades rurais nem sempre estavam dispostas a acolher esses indivíduos, frequentemente rotulados como criminosos, vadios e moralmente desviados. Essa estigmatização dificultou a sua inserção nas comunidades e nas actividades produtivas, conduzindo a um processo prolongado de marginalização social dessas pessoas.

Décadas depois, a pesquisa revela que esse sentimento de exclusão ainda persiste, manifestando-se de diversas formas. Uma dessas formas de exclusão é a dificuldade de pertença, como indica o trecho da entrevista a seguir:

Nós que viemos com a “operação produção” ainda sentimos diferença. Os antigos daqui chamam-nos de ‘vindos do mato’ ou ‘do sul’. Dizem que esta terra não é nossa, mesmo depois de muitos anos. Os nossos filhos já nasceram aqui, estudam aqui, mas ainda somos tratados como estrangeiros. Quando há distribuição de ajuda, dão primeiro aos locais. Até para ser secretário ou membro de comité, escolhem os de cá. Isso dói, porque nós também construímos esta comunidade com o nosso suor. Quando viemos, não havia nada. Abrimos machambas, fizemos casas e ajudámos o governo. Mesmo assim, ainda dizem que não pertencemos. Às

vezes, sentimos que vivemos dentro, mas não fazemos parte.²²

Esta marginalização não se limita apenas ao acesso desigual aos recursos e oportunidades, mas estende-se também às relações sociais e familiares, como evidencia o relato abaixo:

A integração não é igual para todos. Quem é daqui vive à vontade, mas quem veio de fora ainda sente barreira. Há aldeias onde o povo local não quer casar com quem veio da “operação produção”. Dizem que o sangue é diferente. Isso cria divisão. Quando há reunião, também há palavras que ferem. Falam como se os outros fossem intrusos. O governo devia trabalhar para unir o povo, porque todos somos moçambicanos.²³

O sentimento de não-pertença manifesta-se também nas percepções e vivências de gerações descendentes deste grupo social de reeducandos e “improdutivos”, demonstrando que mesmo após várias décadas, a presença deste grupo de pessoas ainda marca as relações sociais do distrito. O trecho de depoimento de um jovem, participante de um grupo focal realizado em Unango, ilustra esse sentimento:

Eu nasci aqui, mas meus pais vieram da “operação produção”. Cresci a ouvir histórias de sofrimento. Dizem que foram tirados das suas terras e deixados aqui sem nada. Até hoje, há famílias que não têm boa relação com os locais. Quando há casamento ou problema, os de fora são os primeiros a serem acusados. Isso mostra que a ferida ainda está viva. O povo vive junto, mas o coração não está unido.²⁴

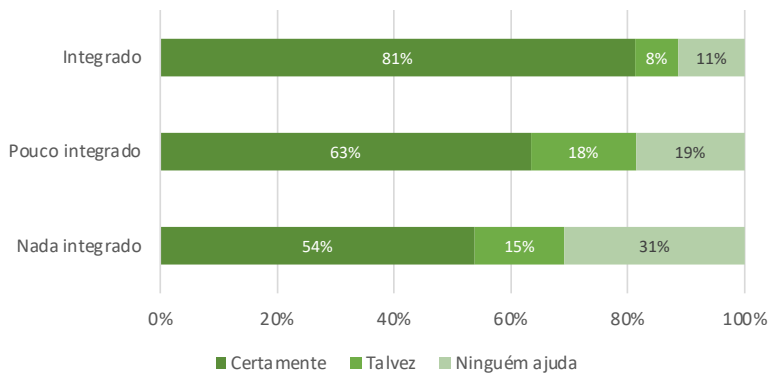
Como se pode verificar no gráfico 14, é sobretudo entre os que se dizem pouco e nada integrados na comunidade que domina a ideia de que talvez, ou ninguém ajuda.

22 Homem adulto interveniente no grupo focal “operação produção”, no Posto administrativo de Unango, 12 de Junho de 2025.

23 Régulo Abasse Sabute entrevistado na localidade de Macaloge Sede, posto administrativo de Macaloge, 6 de Junho de 2025.

24 Homem jovem interveniente no grupo focal na localidade de Matchedje, posto administrativo de Matchedje, 9 de Junho de 2025.

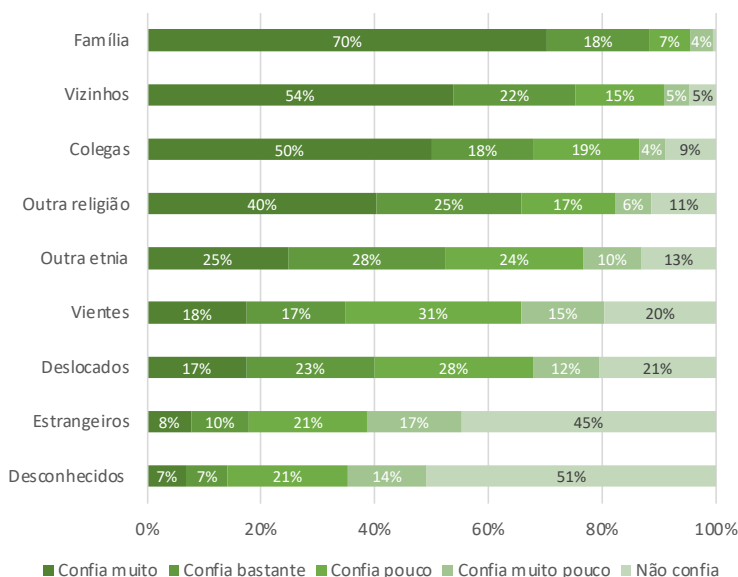
Gráfico 14 - Quando você tem um problema, tem alguém a quem recorrer para pedir ajuda? (por nível de integração)



O nível de confiança nos outros é muito variável, podendo considerar-se a existência de quatro níveis de confiança distintos: em primeiro lugar, a família (apesar de ser de referenciar que há 12% dos inquiridos que dizem confiar pouco, muito pouco ou nada nos membros da sua família); em segundo lugar, os vizinhos, colegas²⁵ e membros de outras religiões; em terceiro lugar, os membros de outros grupos étnicos, “vientes” e deslocados; e, por fim, os desconhecidos e os estrangeiros (gráfico 15). O nível de desconfiança em relação aos dois últimos grupos é muito elevado e indica a predominância de comunidades relativamente fecha..

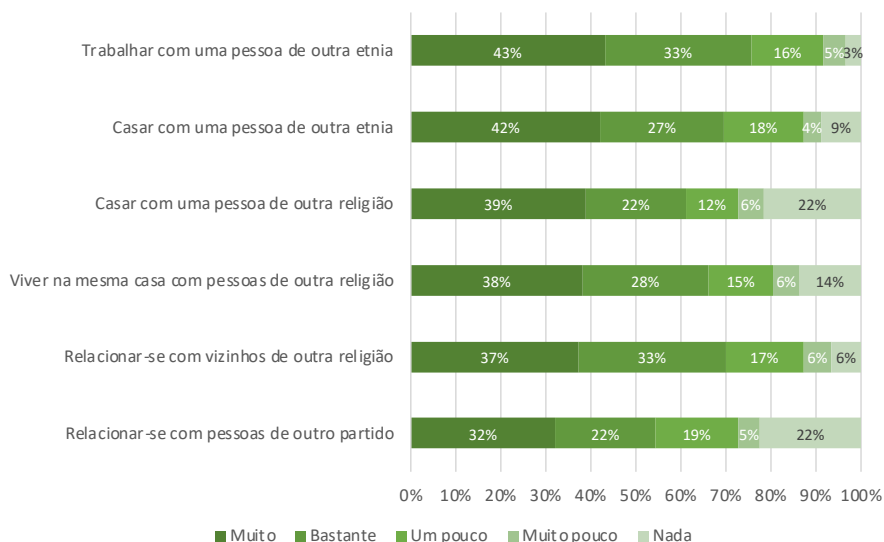
²⁵ A pergunta sobre “colegas” não foi colocada aos camponeses e agricultores.

Gráfico 15 - Confiança nos outros



Ao mesmo tempo, os valores observados a propósito da religião dão a entender que esta, por si só, não constitui um factor relevante de divisão ou de tensão social. A convivência com pessoas de outra religião não é um grande problema: apenas 6% dos inquiridos afirmam que não se sentem nada confortáveis com isso; 14% dos inquiridos afirmam que não se sentiriam nada confortáveis em viver na mesma casa com pessoas de outra religião (gráfico 16). Também no mesmo gráfico, pode-se ver que a pertença étnica não constitui um grande problema, pois a perspectiva de trabalhar com pessoas de outra etnia suscita apenas a discordância total por parte de 3% dos inquiridos, e a ideia de casar com uma pessoa de outra etnia suscita a rejeição de 9% dos inquiridos, que não concordam nada com isso.

Gráfico 16 - Relacionamento com os outros



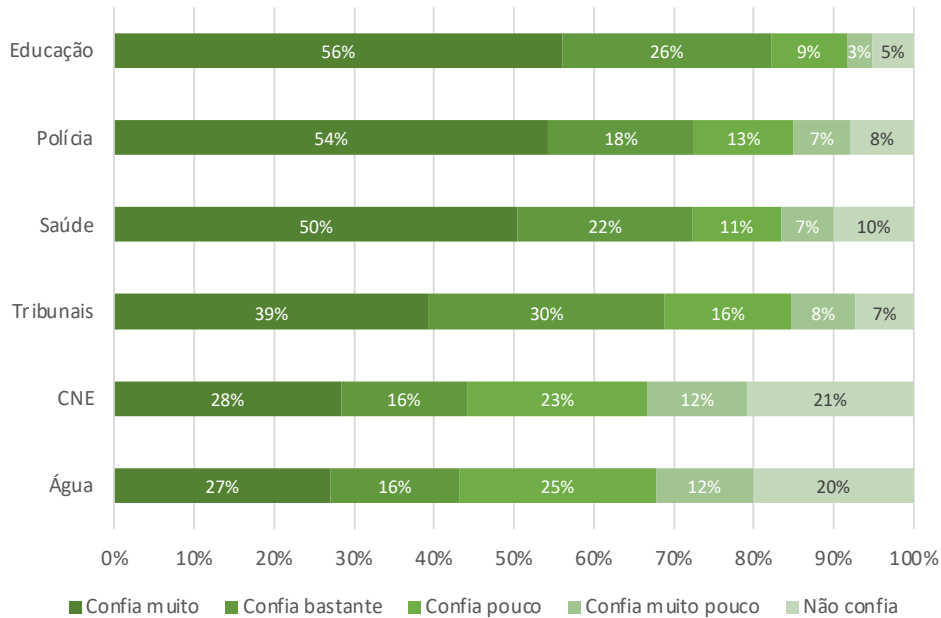
O que verdadeiramente põe mais problemas é o casamento com pessoas de outra religião e o relacionamento com pessoas de outro partido político, pois, nestes dois casos, são 22% dos inquiridos que não concordam nada, valores que, no que se refere ao relacionamento com simpatizantes de outro partido, revelam a existência de desconfiança e uma certa tensão política no seio do distrito.

6. CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES

Nesta secção, dedicada à confiança nas instituições, os resultados do inquérito são apresentados em três grupos: confiança em serviços públicos, em instituições políticas locais e em instituições políticas de nível provincial e nacional²⁶.

Em Sanga, a maior confiança (gráfico 17) regista-se em relação aos serviços de educação (56% dos inquiridos confiam muito), seguidos da polícia (54%) e dos serviços de saúde (50%). Os serviços que suscitam menos confiança (não confia, ou confia muito pouco) são a Comissão Nacional de Eleições (33%) e os serviços de água (32%).

Gráfico 17 - Confiança nos serviços



Apesar de uma grande parte da população inquirida afirmar confiar nos serviços de educação, muitos entrevistados manifestaram descontentamento relativamente à falta de infraestruturas escolares adequadas. Entre as principais críticas destacam-se as condições físicas precárias, o elevado rácio aluno-professor, a baixa qualidade do ensino e os altos níveis de desistência escolar, sobretudo entre raparigas. Este cenário é ilustrado no seguinte excerto de entrevista:

²⁶ Os valores apresentados foram calculados excluindo as respostas “não conhece” e “não sabe”.

A escola aqui não está boa. Faltam carteiras, livros e professores. Há turmas com mais de sessenta alunos e, às vezes, o professor falta porque vive longe. As crianças estudam debaixo da árvore. Como é que vão aprender assim? O Governo diz que construiu escolas, mas são só paredes sem qualidade. Os pais esforçam-se, mas os filhos saem da 7ª classe sem saber ler bem. As meninas desistem cedo porque engravidam e ninguém faz nada. A educação precisa de mais seriedade.²⁷

Além das entrevistas, as notas dos inquiridores também reflectem o desagrado quanto à precariedade das infraestruturas escolares. Diversas razões são apontadas para justificar o desânimo face ao sistema educativo. Um dos inquiridos, por exemplo, afirmou que não confiava na educação porque os professores fogem, ou seja, abandonam as aulas e, como consequência, as crianças acabam desistindo.²⁸

A má qualidade da construção das escolas, ou mesmo a ausência de instalações apropriadas, preocupa profundamente os encarregados de educação e mina a confiança no sistema educativo. Isto fica evidente na opinião de uma mulher ouvida, que afirmou: “quando chove, os nossos filhos não estudam, pois as salas têm chapas podres.”²⁹

As grandes distâncias que muitos alunos precisam percorrer para chegar à escola constituem outro factor que prejudica a confiança dos pais e encarregados de educação no sistema de educação do distrito. Como refere um dos inquiridos: “confio muito pouco porque vejo o progresso das minhas filhas, mas a escola termina na 6ª classe e depois elas precisam percorrer uma grande distância até Nsauca para fazer até à 10ª classe.”

Tal como se verifica no setor de educação, o setor de saúde também recebeu uma avaliação positiva dos inquiridos, sobretudo devido à presença de parteiras treinadas, às campanhas de vacinação e ao aumento geral da assistência pré-natal. No entanto, as entrevistas, discussões em grupos focais e as notas dos inquiridores revelam desafios neste sector, principalmente em relação à falta de medicamentos nas farmácias das unidades de saúde, onde os preços são mais acessíveis do que nas farmácias privadas. Um entrevistado sintetiza essas dificuldades nos seguintes termos:

O posto não tem medicamentos. Quando a pessoa adoece, o enfermeiro diz para

27 Mulher adulta entrevistada no grupo focal na localidade de Matchedje, posto administrativo de Matchedje, 5 de Junho de 2025.

28 Mulher jovem inquirida no posto administrativo de Unango, 10 de Junho de 2025.

29 Mulher adulta inquirida no posto administrativo de Unango, 10 de Junho de 2025.

comprar remédio fora, mas a farmácia mais próxima fica longe e o povo não tem dinheiro. Às vezes, o enfermeiro falta ou trata mal o doente. As mulheres sofrem no parto, porque não há transporte para ir ao hospital de Lichinga. A confiança no sistema de saúde é fraca, porque o povo vê que o Governo não se preocupa.³⁰

A deficiência de transporte, que obriga os residentes a recorrer a moto-táxis devido à precariedade das vias de acesso, surge como um dos maiores entraves à evacuação de pacientes, sobretudo em situações de emergência. Apesar disso, algumas comunidades desenvolvem mecanismos próprios de apoio, como relatou uma participante de um grupo focal na localidade de Nova Madeira:

Na saúde, há avanços. Agora temos parteiras treinadas e campanhas de vacinação. As mulheres já sabem procurar o posto quando estão grávidas. Antes morriam em casa. Hoje, há mais consciência. O enfermeiro atende bem quando tem medicamentos. O problema é o transporte, mas a comunidade ajuda com táxi ou mota de alguém. Se houver mais apoio, o sistema pode melhorar.³¹

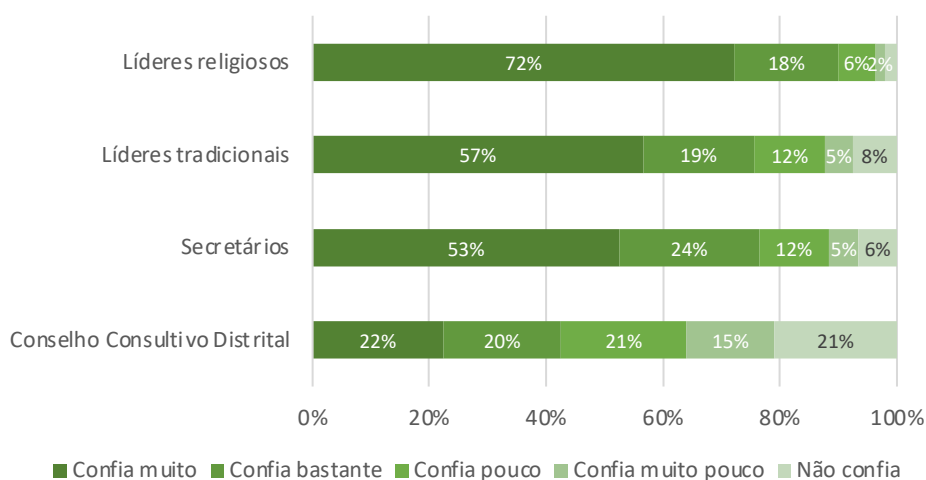
De um modo geral, apesar de a população manifestar uma confiança moderada nos serviços públicos, tais como os sectores da educação e da saúde, a pesquisa qualitativa revela a existência de significativas fragilidades estruturais que comprometem a qualidade e o acesso a esses serviços essenciais.

No que diz respeito às lideranças locais (gráfico 18), é de destacar que os líderes religiosos e os líderes tradicionais são os que beneficiam de maior confiança: respetivamente, 72% e 57% dos inquiridos disseram confiar muito neles. Um pouco mais abaixo, ficam os secretários, que beneficiam de muita confiança por parte de 53% dos inquiridos. O Conselho Consultivo Distrital, que é suposto representar as comunidades do distrito, é desconhecido para 16% dos inquiridos e beneficia de muita confiança por parte de apenas 22% dos que afirmam conhecê-lo.

30 Homem jovem interveniente no grupo focal na localidade de Canjamba, posto administrativo de Lucimbese, 31 de Maio de 2025.

31 Mulher interveniente no grupo focal na localidade de Matchedje, posto administrativo de Matchedje, 5 de Junho de 2025.

Gráfico 18 - Confiança nas lideranças locais



Embora os inquiridos afirmem confiar nas autoridades locais, principalmente nos líderes tradicionais e religiosos, reconhecidos pelo seu papel central na promoção da harmonia comunitária, na resolução de conflitos conjugais, de questões de roubo, disputas de terra, na convocação de reuniões comunitárias e na condução de cerimónias oficiais e religiosas, os dados qualitativos revelam uma realidade mais complexa. Com efeito, as entrevistas e discussões em grupos focais mostram que a pobreza, o clientelismo no acesso a oportunidades de emprego e recursos, bem como, a interferência partidária (particularmente do partido Frelimo) na gestão dos assuntos quotidianos, geram um descontentamento relativamente a essas autoridades locais. O trecho da entrevista a seguir ilustra essa perda da confiança:

Hoje as lideranças já não são como antes. O régulo mandava com respeito, mas agora há régulo que só pensa na família dele. Quando chega ajuda, distribui primeiro aos parentes. O povo perde confiança. Os secretários também seguem o partido. Quando alguém reclama, dizem que é da oposição. Assim, o povo fica calado. Já não há liderança para todos, há liderança para os amigos.³²

No que se refere especificamente aos líderes religiosos, a desconfiança e frustração surgem principalmente devido às cobranças ilícitas, exigências de ofertas e à percepção de que alguns usam a religião para benefício pessoal. Um dos participantes do

32 Homem interveniente no grupo focal na localidade de Canjamba, no posto administrativo de Lucimbese, 31 de Maio de 2025.

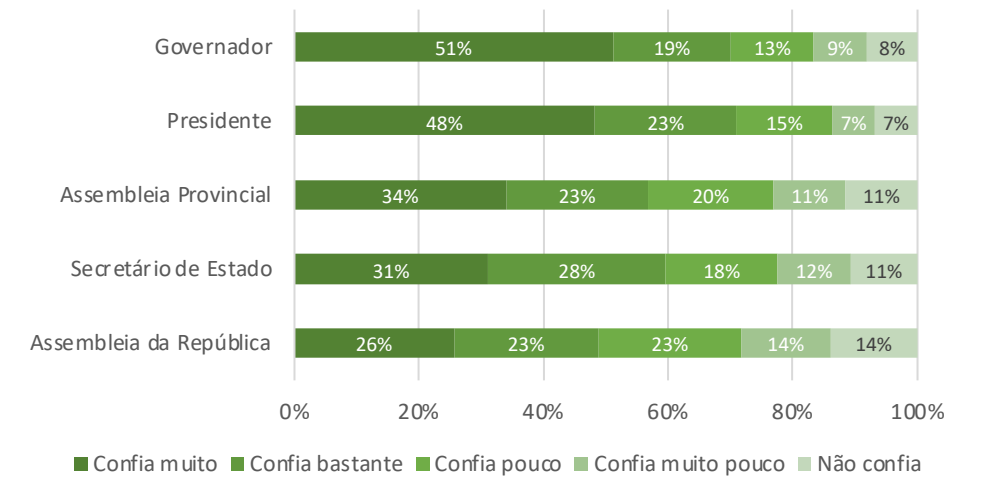
estudo exprimiu esse sentimento nos seguintes termos:

Os líderes religiosos já não cuidam do povo como antigamente. Agora há quem usa a igreja para enriquecer. Pedem contribuições altas e, quem não paga, dizem que não tem fé. Isso faz o povo duvidar. O sheikh e o pastor deviam ensinar a paz, não fazer negócio com a religião. Há líderes bons, sim, mas muitos perderam o foco. O povo ora, mas já não acredita tanto.³³

Embora as autoridades locais permaneçam figuras de referência e desempenhem papéis essenciais na vida das populações do distrito, a interferência partidária, o favoritismo, as cobranças ilícitas e a corrupção contribuem para a erosão gradual da confiança nos líderes religiosos e tradicionais.

No que se refere ao nível de confiança na liderança a nível provincial e nacional (gráfico 19), o Governador é quem inspira maior confiança (51% confiam muito), seguido do Presidente da República (48%). É de notar que há um número relativamente alto de inquiridos que dizem não conhecer o Secretário de Estado (19%), a Assembleia Provincial (15%) e a Assembleia da República (12%).

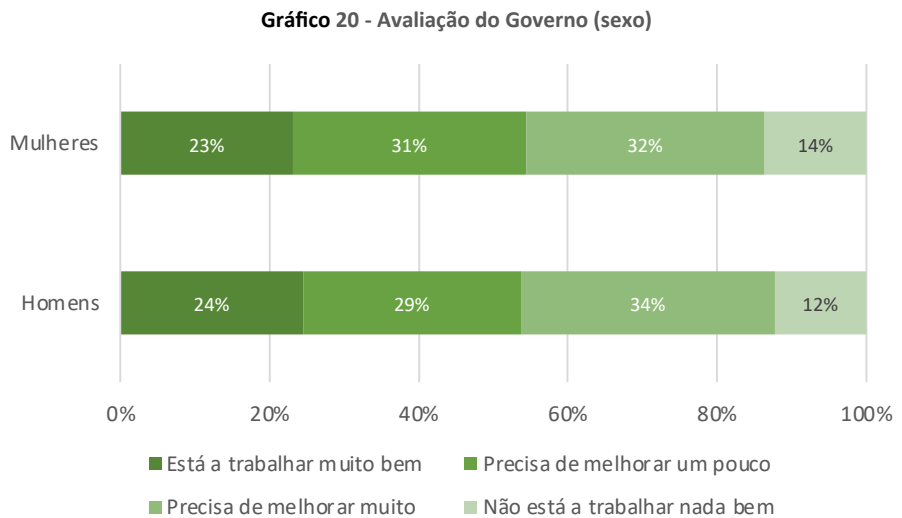
Gráfico 19 - Confiança na liderança provincial e nacional



33 Sheik Ali Mbuana Chande entrevistado na localidade de Macaloge Sede, no posto administrativo de Macaloge, 12 de junho de 2025.

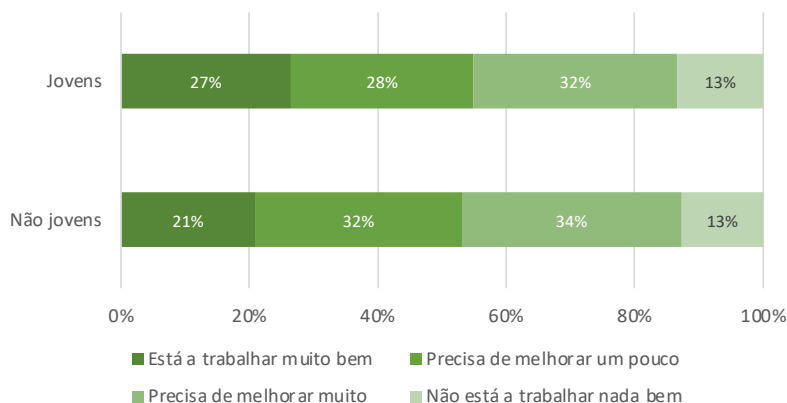
7. REPRESENTAÇÃO

Em Sanga, a avaliação que os inquiridos fazem da acção do Governo é contrastada, ou seja, um pouco mais de metade (54%) dos inquiridos diz que o Governo está a trabalhar muito bem (24%), ou precisa de melhorar um pouco (30%), e 46% dizem que o Governo precisa de melhorar muito (33%), ou que não está a trabalhar nada bem (13%) (gráfico 20).



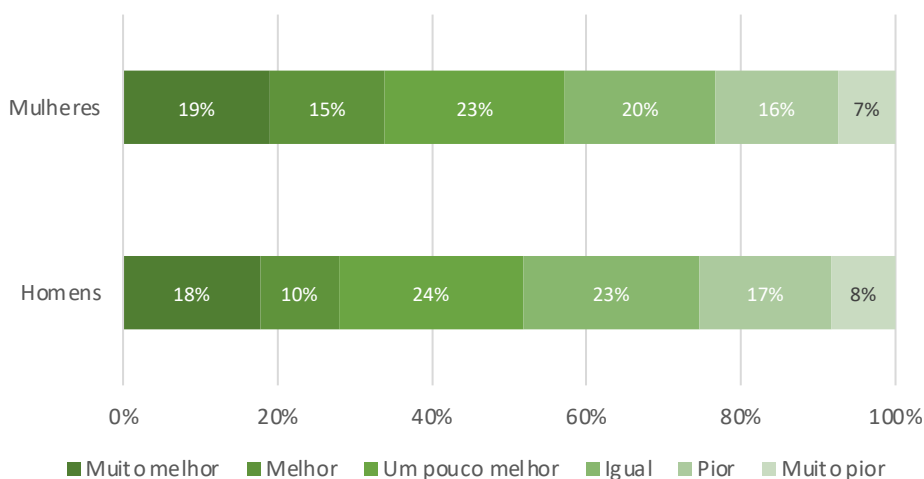
Curiosamente, regista-se uma ligeira tendência para os jovens terem uma opinião mais favorável sobre o desempenho do Governo (27% dizem que está a trabalhar muito bem, número que baixa para 21% no caso dos não jovens) (gráfico 20a).

Gráfico 20a - Avaliação do Governo (idade)



No que diz respeito à perspectiva da governação de outro partido, há 24% dos inquiridos que dizem que a governação de outro partido seria pior, ou muito pior, e há 31% dos inquiridos que consideram que a governação de outro partido seria muito melhor, ou melhor (gráfico 21).

Gráfico 21 - Governação (nacional) de outro partido



Os desafios da vida quotidiana têm levado um grande número de pessoas a defender a necessidade de uma mudança política no país. Na sua percepção, o facto de Moçambique ser governado, desde a independência, por um único partido tem gerado

comodismo político, estagnação, corrupção e dificuldades na provisão de serviços básicos aos cidadãos. Esta visão reflecte um sentimento crescente de desconfiança quanto à capacidade do Governo de responder às necessidades básicas dos cidadãos, sobretudo nas áreas rurais. Um entrevistado expressou o desejo de ver o país ser governado por outro partido da seguinte forma:

O país precisa mudar. Sempre os mesmos governam e o povo continua a sofrer. Outro partido poderia tentar fazer diferente. O que temos agora está cansado. Fala muito, mas não cumpre. É bom dar oportunidade a outros. A mudança traz novas ideias. O povo precisa acreditar que o poder não é eterno. O Governo deve sentir que o povo pode trocar.³⁴

De modo semelhante, outros participantes no estudo qualitativo associam a ausência da alternância no poder ao surgimento da intolerância política e ao enfraquecimento da democracia. O argumento de um jovem comerciante, entrevistado em Unango, é de que a permanência prolongada de um único partido no poder restringe o pluralismo político e alimenta a percepção de que o Estado pertence apenas a um grupo específico de pessoas:

Eu acho que outro partido devia governar, sim. Não é por ódio, mas para ver se há diferença. O país não pertence a um só grupo. Se só um governa, os outros nunca aprendem. Quando há alternância, há equilíbrio. O povo sente que tem voz. Isso faz bem à democracia. O problema é que aqui, quem pensa diferente é logo visto como inimigo.³⁵

Ainda na mesma linha de ideias, outro entrevistado destacou que a alternância no poder é um processo natural e necessário para revitalizar o sistema político.

O povo quer ver o que outro partido pode fazer. Se falhar, volta o antigo. O importante é tentar. Ficar sempre com os mesmos é como plantar na mesma machamba todos os anos. A terra cansa e já não dá. A política também precisa de descanso. Um novo governo podia trazer energia, escolas e água para nós.³⁶

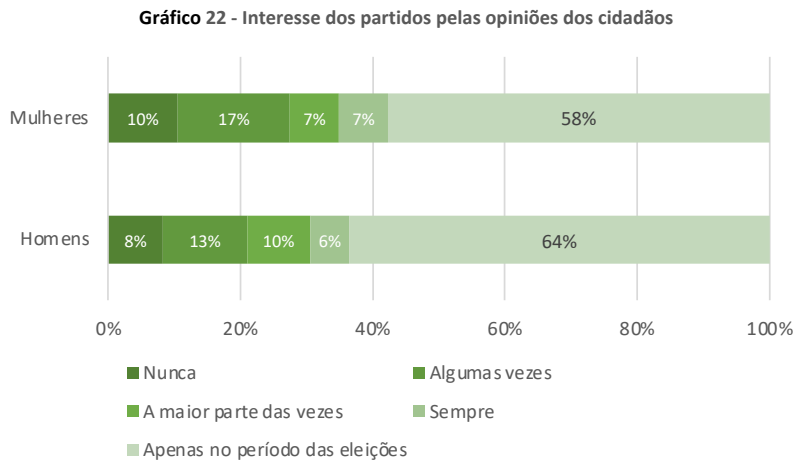
Existe, no entanto, uma forte opinião (61% dos inquiridos) de que os partidos só se interessam em ouvir os cidadãos nos períodos eleitorais. Para além disso, há mais

34 Líder comunitário interveniente no grupo focal na localidade de Njesse, posto administrativo de Macaloge, 2 de Junho de 2025.

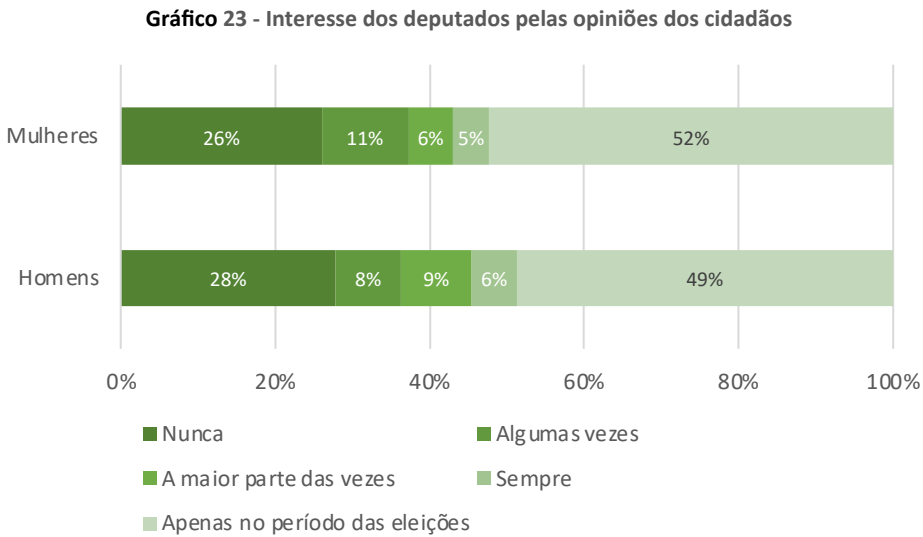
35 Homem jovem comerciante entrevistado no posto administrativo de Unango, 10 de junho de 2025.

36 Régulo Samuel Blaimo Ncongá entrevistado na localidade de Matchedje, posto administrativo Matchedje, 5 de Junho de 2025.

24% dos inquiridos que afirmam que os partidos nunca, ou apenas algumas vezes, se interessam em ouvir os cidadãos (gráfico 22).

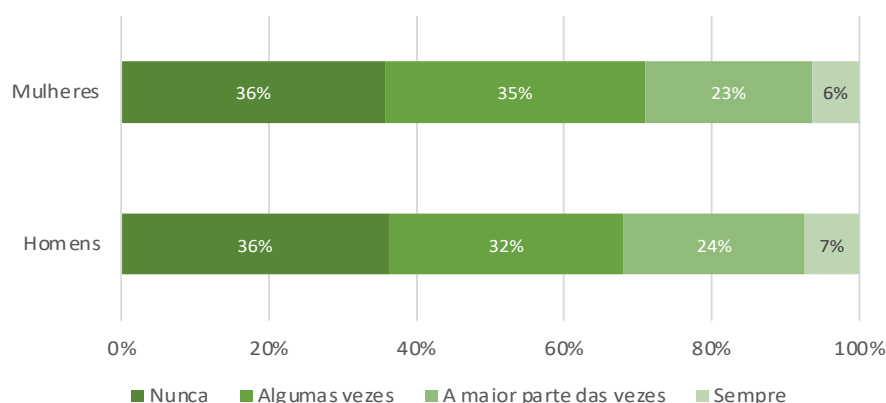


A opinião é ainda mais desfavorável em relação aos deputados, pois, para além dos 51% que dizem que o seu interesse em ouvir os cidadãos se manifesta apenas em períodos eleitorais, há mais 37% que dizem que isso nunca, ou só algumas vezes, acontece (gráfico 23).



A apreciação em relação aos membros da Assembleia Provincial é também muito negativa. A maioria dos inquiridos (70%) consideram que esses representantes eleitos nunca, ou só algumas vezes, se interessam em ouvir os cidadãos (gráfico 24).

Gráfico 24 - Interesse dos membros da Assembleia Provincial em ouvir os cidadãos



Ao contrário dos partidos e dos membros eleitos de órgãos representativos, os secretários de bairro e localidade e os líderes tradicionais beneficiam de uma apreciação mais positiva. Assim, 61% dos inquiridos consideram que os secretários defendem sempre, ou a maior parte das vezes, os interesses dos cidadãos e 56% têm a mesma opinião em relação aos líderes tradicionais (gráficos 25 e 26).

Gráfico 25 - Secretários defendem os interesses dos cidadãos

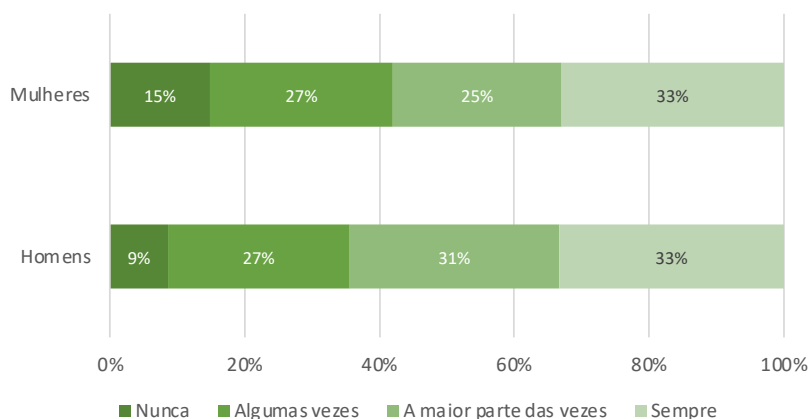
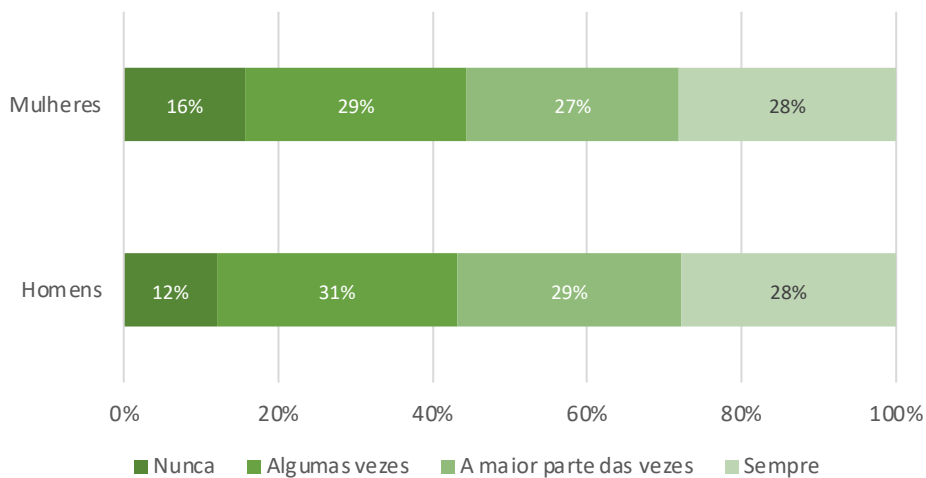
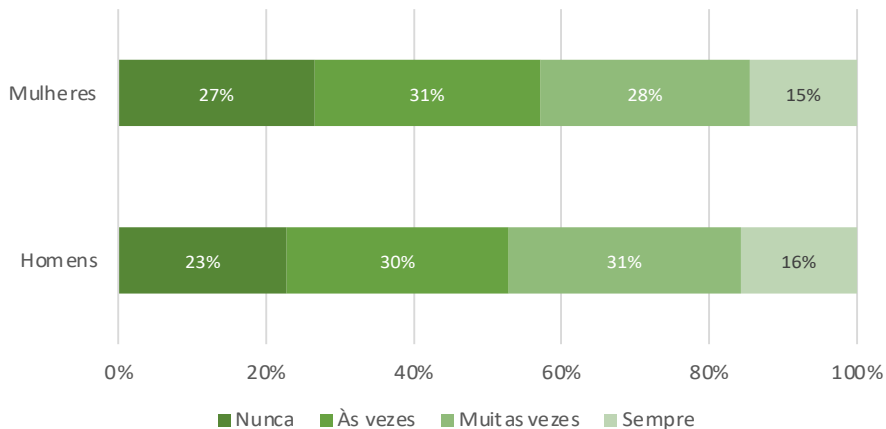


Gráfico 26 - Líderes tradicionais defendem os interesses dos cidadãos



Finalmente, num contexto de fraco sentimento de representação ao nível político por parte dos cidadãos, é de referir que a participação destes nas decisões sobre questões locais é relativamente alta, pois 45% dos inquiridos dizem que há sempre, ou muitas vezes, consultas por parte das autoridades locais antes da tomada de decisões (gráfico 27).

Gráfico 27 - Consultas a nível local sobre decisões



8. ENGAJAMENTO CÍVICO

O nível de engajamento cívico em Sanga parece ser relativamente fraco (gráfico 28). Se, por um lado, a participação em reuniões da comunidade é uma prática relativamente frequente, havendo 36% dos inquiridos que disseram ter participado nesse tipo de encontros muitas vezes e outros 36% algumas vezes, é de referir, no entanto, que há 11% dos inquiridos que nunca participaram em reuniões da comunidade. Ao mesmo tempo, são 40% os que nunca, ou raramente, se reuniram com outros concidadãos para debater sobre um problema e 49% os que nunca, ou raramente, se juntaram a outros para apresentar problemas da comunidade aos responsáveis locais. O gráfico 28a mostra que o nível de participação é especialmente baixo para o grupo dos jovens.

Gráfico 28 - Diga se nos últimos anos...

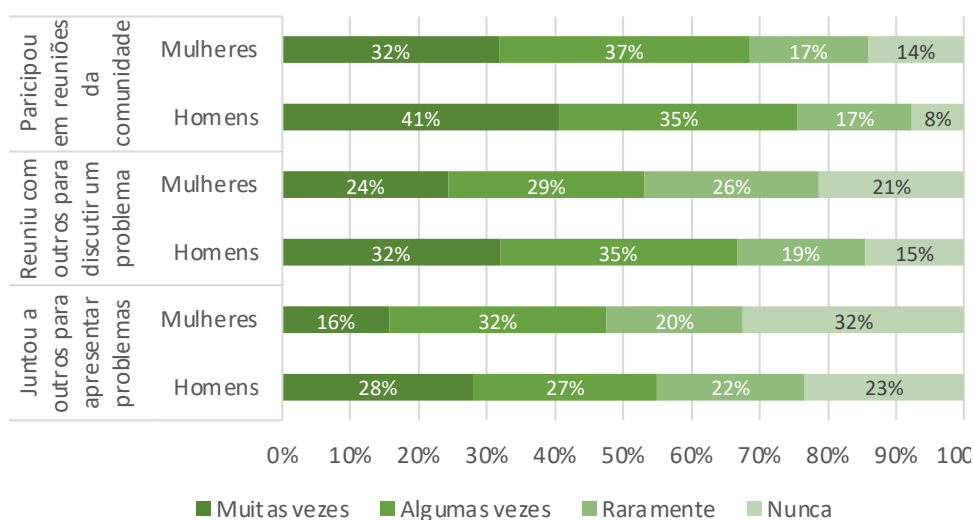
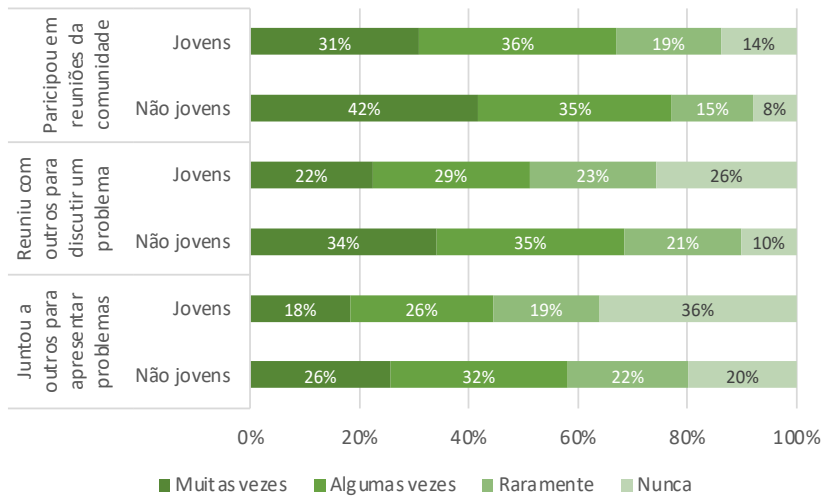
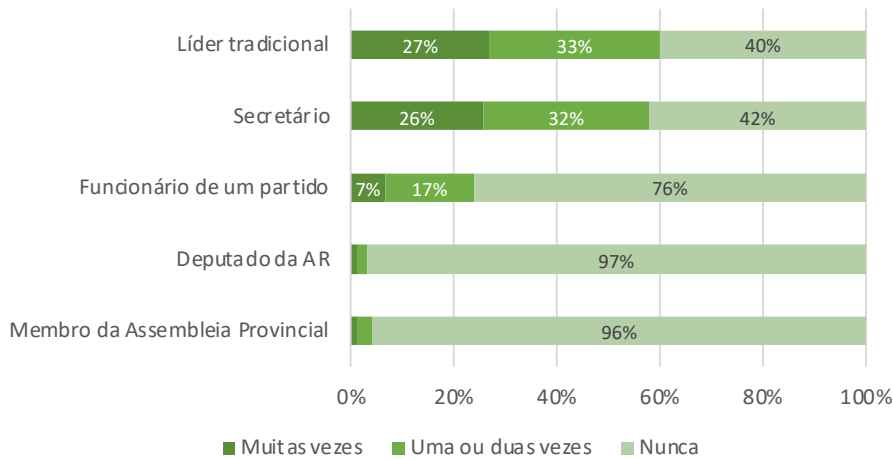


Gráfico 28a - Diga se nos últimos anos...



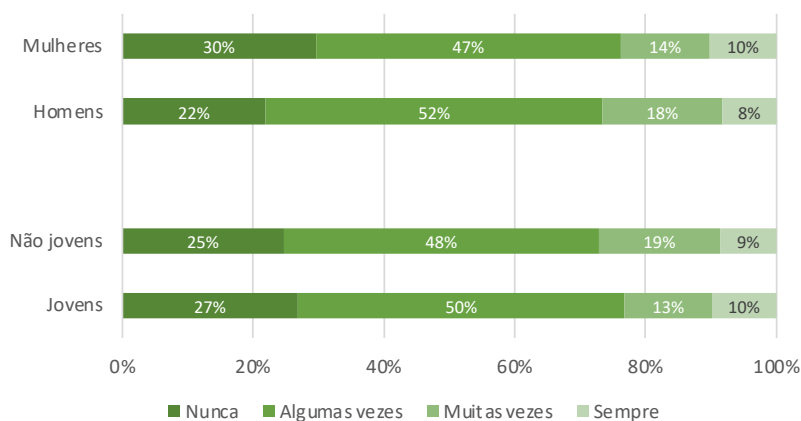
A fraqueza da mobilização dos cidadãos para acções comuns reflecte-se também na ausência praticamente total de contacto com responsáveis políticos eleitos (gráfico 29), ou seja, os contactos restringem-se praticamente aos secretários de bairro e aos líderes tradicionais. Isto deve-se à proximidade física e social que os residentes têm com os líderes comunitários e secretários, o que torna mais fácil o acesso à essas pessoas.

Gráfico 29 - No último ano contactou um...



Se os cidadãos têm poucas iniciativas no sentido de participar na vida pública, também as autoridades locais parecem ter um défice no que respeita ao seu envolvimento no processo decisório. De acordo com os dados no gráfico 30, há 26% dos inquiridos (27% dos jovens e 25% dos não jovens; 30% das mulheres e 22% dos homens) que consideram que as autoridades locais e municipais nunca envolvem os jovens nas decisões sobre assuntos que lhes dizem respeito.

Gráfico 30 - As autoridades locais envolvem os jovens na tomada de decisões?



Apesar de, nos últimos anos, as autoridades locais demonstrarem maior interesse em envolver os jovens nas actividades do distrito, incluindo campanhas de sensibilização social sobre casamentos prematuros, acções comunitárias de limpeza e participação em reuniões comunitárias, os dados qualitativos mostram que persiste uma falta de confiança no papel dos jovens enquanto agentes de desenvolvimento comunitário. As entrevistas revelam que muitos jovens sentem que não têm voz no processo de tomada de decisões. O trecho de uma entrevista ilustra bem esse sentimento:

Os jovens não são ouvidos. Quando há reunião, só ouvem os velhos e os líderes tradicionais. Dizem que os jovens não têm experiência. Mas como vão ter, se nunca lhes dão oportunidade? Os jovens têm ideias boas, sabem trabalhar, mas ficam de lado. Só chamam para dançar ou carregar cadeira. Isso desanima. O jovem quer participar, mas é ignorado.³⁷

³⁷ Homem Jovem interveniente no grupo focal na localidade de Matchedje, posto administrativo de Matchedje, 9 de Junho de 2025.

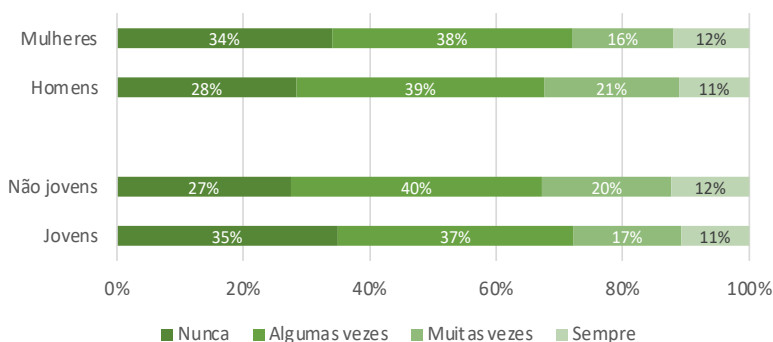
Além do factor geracional, possivelmente reforçado por normas e hierarquias culturais que atribuem aos mais velhos um papel de destaque no seio das comunidades por serem considerados detentores do saber cultural e histórico, o que lhes confere legitimidade política e moral, os jovens também denunciam discriminação, frequentemente associada à filiação partidária, no acesso às oportunidades de emprego e aos fundos de apoio. Um interveniente no grupo focal com homens, expressou claramente esse sentimento de frustração:³⁸

As autoridades falam muito em envolver os jovens, mas é só discurso. Quando há projectos, já vêm com lista pronta. Só entram os filhos dos chefes. Os outros ficam de fora. Aqui há jovens que podiam ajudar no desenvolvimento, mas não são escolhidos, porque não têm ligação com o partido. Isso cria revolta. O jovem sente que a porta está fechada.³⁹

Assim, apesar do discurso oficial de inclusão, o envolvimento real dos jovens continua limitado por barreiras estruturais, hierarquias sociais e políticas, que alimentam frustração e um sentimento de exclusão.

Uma situação semelhante verifica-se em relação ao envolvimento pelas autoridades locais das mulheres nas decisões (gráfico 31). Neste caso, há 31% dos inquiridos (35% dos jovens e 27% dos não jovens; 34% das mulheres e 28% dos homens) que consideram que as autoridades locais e municipais nunca envolvem as mulheres nas decisões.

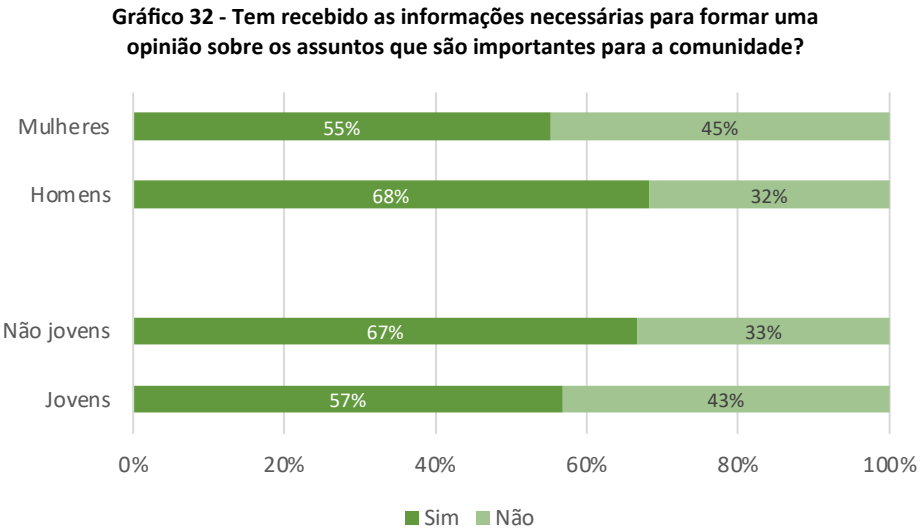
Gráfico 31 - As autoridades locais envolvem as mulheres na tomada de decisões?



38 Sobre o papel dos mais velhos nas comunidades africanas ver Mäller & Sotshongaye, 1999. No caso específico de Moçambique ver, por exemplo, Francisco, 2023.

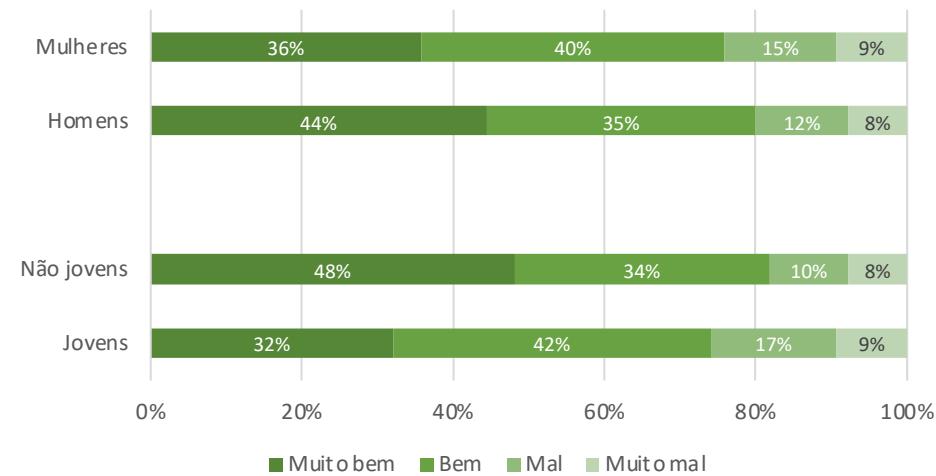
39 Homem jovem interveniente no grupo focal na localidade de Njesse, posto administrativo de Macalogue, 31 de Maio de 2025.

A informação, o conhecimento dos assuntos que afectam a comunidade e a capacidade de intervenção para exprimir opiniões são elementos de base para a participação e o engajamento cívico por parte dos cidadãos. Deste ponto de vista, a opinião dos inquiridos é relativamente equilibrada, pois há 62% dos inquiridos que dizem ter recebido a informação necessária para formar uma opinião sobre os assuntos importantes para a comunidade e 38% que dizem o contrário. No entanto, sobre este assunto, existe diferença notável entre homens e mulheres: para as mulheres há só 55% que declaram ter recebido informações, enquanto para os primeiros esse valor é de 68%. A diferença existe também em termos de idade, sendo os jovens menos informados (57%) que os não jovens (67%) (gráfico 32).



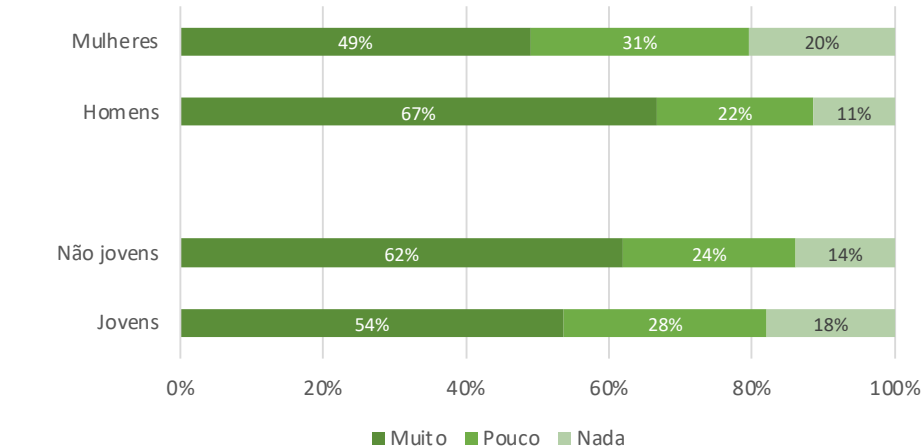
Por outro lado, a maioria dos inquiridos (78%) afirmam conhecer bem, ou muito bem, os problemas que afectam a sua comunidade. Tendencialmente, os mais velhos e os homens afirmam um conhecimento maior que as mulheres e os jovens (gráfico 33).

Gráfico 33 - Conhecimento dos problemas da comunidade



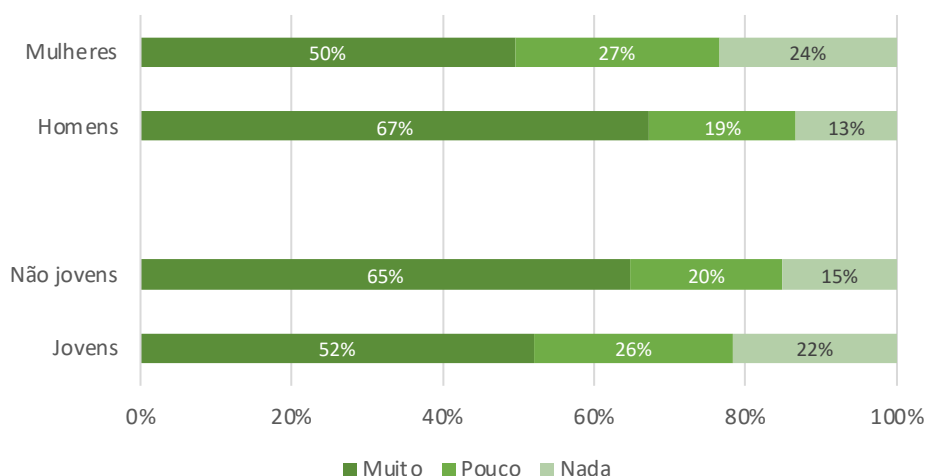
Também a capacidade de apresentar os seus pontos de vista e opiniões em encontros das comunidades não parece constituir um problema para a maioria dos inquiridos, pois há 58% que consideram ser muito capazes de apresentar os seus pontos nos encontros da comunidade e apenas 16% se dizem nada capacitados para apresentar as suas opiniões, sendo sobretudo as mulheres (20%) e os jovens (18%) que reconhecem não ter essa capacidade (gráfico 34).

Gráfico 34 - Capacidade de apresentar pontos de vista à comunidade



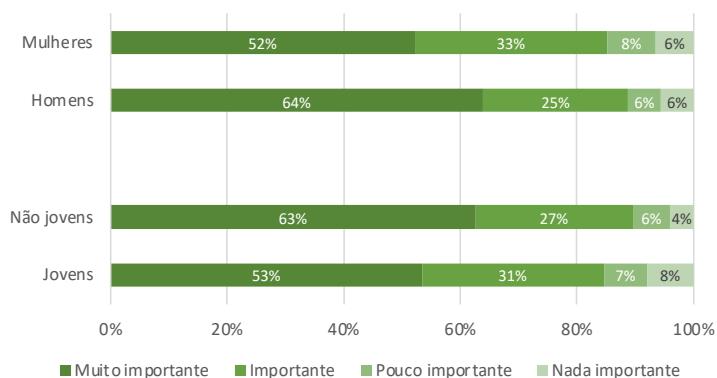
Observa-se o mesmo padrão em relação à questão de apresentar opiniões às autoridades locais. Neste caso, as mulheres são 24% a dizer que não estão nada capacitadas nesse aspecto e os jovens são 22% (gráfico 35).

Gráfico 35 - Capacidade de apresentar pontos de vista às autoridades



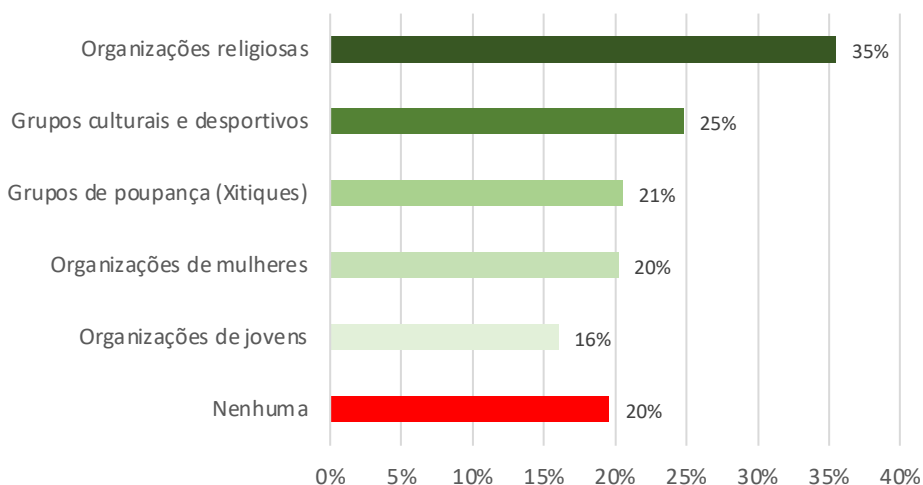
A ideia de que é importante protestar quando algo precisa ser mudado na sociedade é amplamente partilhada pelos inquiridos: 58% consideram muito importante o protesto e 29% consideram-no importante, havendo também aqui uma diferença de opinião em termos de idade e de sexo (os homens e os não jovens são mais afirmativos neste assunto) (gráfico 36).

Gráfico 36 - Importância do protesto para a mudança



A participação dos cidadãos em organizações sociais extrafamiliares é também um indicador do grau de envolvimento cívico. De acordo com os resultados do inquérito, a maior participação observa-se nas organizações de carácter religioso, seguindo-se os grupos culturais e desportivos, os grupos de poupança, as organizações de mulheres e, por fim, as organizações de jovens. O gráfico 37 apresenta a percentagem de inquiridos que disseram fazer parte de cada um dos diferentes tipos de organização.

Gráfico 37 - Participação em organizações sociais



Ainda de acordo com os resultados, 20% dos inquiridos não participam em nenhuma organização, 53% são membros de apenas um tipo de organização, 20% participam em dois tipos de organizações e 8 % em três, ou mais.

NOTAS FINAIS

De modo geral, a percepção dos inquiridos sobre as condições no distrito de Sanga revela uma tendência relativamente satisfatória. Cerca de 89% avaliam positivamente as suas condições de vida actuais. Os dados também revelam que mais de 60% dos inquiridos dizem-se optimistas quanto ao futuro. No entanto, a pesquisa qualitativa indica que esse optimismo está mais associado à interajuda comunitária do que ao papel do Estado. Este resultado sugere a falta de confiança nas ações e iniciativas do governo para melhorar as condições de vida.

O sentimento de exclusão e discriminação é bastante forte entre os inquiridos, sobretudo no acesso a oportunidades no âmbito socioeconómico. Cerca de 60% dos inquiridos afirmam sentir-se excluídos no acesso aos fundos do Governo, 53% relatam sentir-se discriminados no acesso ao emprego na função pública e aproximadamente 37% referem enfrentar discriminação no acesso ao emprego no sector privado.

Os resultados do estudo indicam ainda que essas formas de discriminação são mais acentuadas entre as mulheres, evidenciando a necessidade de criar mecanismos mais transparentes e inclusivos no acesso e na distribuição dos recursos. Paralelamente, destaca-se a importância de reforçar a promoção da mulher e a equidade de género no acesso ao emprego e às oportunidades de acesso a fundos do Governo.

No que diz respeito à segurança, não parece haver problemas relevante no distrito de Sanga. Os dados mostram que cerca de 72% dos inquiridos manifestam um elevado sentimento de segurança. Quanto à confiança entre os indivíduos na comunidade, os dados indicam que esta é mais elevada entre os membros do mesmo círculo familiar e pessoas próximas, concretamente os vizinhos e colegas. Já os estrangeiros, desconhecidos e deslocados são os que suscitam menos confiança, o que sugere a existência de certas tensões sociais próprias de comunidades relativamente fechadas.

Os dados qualitativos revelam uma forte presença de migrantes no distrito e uma relação ambígua entre eles e as populações locais. Por um lado, os migrantes introduzem dinamismo económico e contribuem para a diversificação da actividade comercial; por outro lado, a sua presença gera tensões e percepções de desigualdades no acesso ao mercado, criando uma competição considerada desproporcional no controlo da atividade comercial e produtiva.

Apesar de os dados quantitativos sugerirem que a religião por si só não constitui um fator relevante de divisão ou tensão social entre as diferentes religiões, a pesquisa qualitativa revela a existência de tensões intra-religiosas no seio dos praticantes do Islão no distrito de Sanga. A circulação de diferentes grupos com discursos de orientação extremista representa não apenas desafios à coesão comunitária, mas também potenciais riscos à segurança e à estabilidade locais. A fragmentação interna e as rixas religiosas podem gerar novos focos de desconfiança e conflito, corroendo o tecido social e criando brechas que podem ser exploradas por grupos violentos. Simultaneamente, a crescente vigilância e suspeita generalizada podem produzir efeitos colaterais negativos, como acusações infundadas, medo e retraimento da vida comunitária. Assim, o contexto religioso de Sanga revela um equilíbrio delicado, marcado por potenciais focos de conflito, o que exige das autoridades uma gestão cuidadosa das divergências religiosas, sobretudo face às influências do conflito armado que atravessa a região norte de Moçambique. Importa, por isso, prestar atenção a este aspecto, tendo em conta que cerca de 90% dos residentes em Sanga são praticantes da religião muçulmana.

Relativamente à confiança nas instituições públicas, os dados revelam variações entre as três dimensões analisadas: serviços públicos, instituições políticas locais e instituições políticas de nível provincial e nacional. No que diz respeito aos serviços públicos, os sectores educação, polícia e saúde são os que suscitam maiores níveis de confiança, com percentagens a rondar 56%, 54% e 51%, respectivamente. Por outro lado, a CNE e os serviços de abastecimento de água são os que geram menos confiança entre os inquiridos. Contudo, apesar dessa avaliação aparentemente positiva desses três serviços mencionados acima, as entrevistas e as discussões em grupos focais revelam fragilidades estruturais significativas que comprometem tanto a qualidade quanto o acesso a esses serviços essenciais.

No que diz respeito às lideranças locais, a avaliação dos níveis de confiança é relativamente alta. Os líderes religiosos e tradicionais beneficiam de cerca de 72% e 57% do nível de confiança, respectivamente. Já os órgãos do Governo, ao nível de base, apresentam níveis de confiança bastante baixos, sendo que o Conselho Consultivo Distrital recebe apenas 22% de confiança dos inquiridos. No entanto, embora as autoridades locais continuem a ser figuras de referência e desempenhem papéis essenciais na vida das populações do distrito, factores como a interferência partidária, o favoritismo, as cobranças ilícitas e a corrupção contribuem para a erosão gradual da confiança nos líderes religiosos e tradicionais.

Finalmente, o nível de engajamento cívico em Sanga revela-se bastante fraco. Apesar dos dados da pesquisa mostrarem uma maior participação dos indivíduos em reuniões da comunidade, os jovens e as mulheres queixam-se de não terem voz efectiva nos processos de tomada de decisão. Tal situação alimenta um sentimento de exclusão e frustração entre estes estratos sociais, o que, por si só, pode minar a relação entre as autoridades e as comunidades.

REFERÊNCIAS

- Anderson, B. (2012) *Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa, Edições 70.
- Chan, J., To, H.-P. & Chan, E. (2006) *Reconsidering Social Cohesion: Developing a Definition and Analytical Framework for Empirical Research*. *Social Indicators Research*. 75 (2), 273–302.
- Durkheim, É. (1977) *A Divisão do Trabalho Social*. Lisboa, Presença.
- Durkheim, É. (1991) *Les formes elementaires de la vie religieuse*. Paris, Le livre de poche.
- Francisco, A. (2023) *Growing Old in Mozambique: Dynamics of Well-being and Poverty*. 2023. https://www.researchgate.net/publication/317264815_Growing_Old_in_Mozambique_Dynamics_of_Well-being_and_Poverty [Accessed: 19 November 2025].
- Mãller, V. & Sotshongaye, A. (1999) They Don't Listen: Contemporary Respect Relations Between Zulu Grandmothers and Granddaughters/-sons. *Southern African Journal of Gerontology*. 8 (2), 18–27. doi:10.21504/sajg.v8i2.168.
- Machava, B. (2024) *The Morality of Revolution. Reeducation Camps and the Politics of Punishment in Socialist Mozambique 1968 - 1990*. Athens, Ohio University Press.
- Tönnies, F. (1946) *Principios de Sociologia*. Mexico, Fondo de Cultura Economica.

Endereço:

(+258) 21 486043

E-mail: iese@iese.ac.mz

142 R. Macombe Macossa, Maputo

